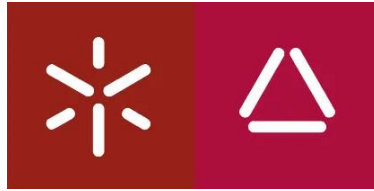


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Hugo André Rodrigues Costa

O peso da proximidade na linha editorial
e na dinâmica informativa do Porto Canal



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Hugo André Rodrigues Costa

O peso da proximidade na linha editorial e na
dinâmica informativa do Porto Canal

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação do
Prof. Dr. Luís Miguel Loureiro

outubro de 2023

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositoriUM da Universidade do Minho.

AGRADECIMENTOS

O sucesso do meu estágio, que veio a concretizar-se numa contratação enquanto jornalista a tempo inteiro no Porto Canal, justifica o agradecimento aos principais protagonistas desta jornada.

À minha família, por tudo.

Ao meu orientador de estágio, o Prof. Dr. Luís Miguel Loureiro, pelo acompanhamento paciente e por nunca ter permitido o “naufrágio” deste “barco”;

À Vanda, por me ter aberto a porta daquele que viria a ser o meu local de trabalho (estava eu longe de imaginar).

A toda a equipa do Porto Canal pelo tanto que me ensinaram, com um cumprimento especial à Estela, à Basto e à Dani.

Aos repórteres de imagem da Medialuso, por sempre me ajudarem a evoluir no terreno.

Aos jornalistas dos demais órgãos de comunicação social com quem fui criando boas relações no terreno e que, direta ou indiretamente, vão dando o seu contributo para o meu crescimento profissional.

A todos os entrevistados, que em mim confiaram para partilhar as suas histórias.

Um abraço a todos.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Título

O peso da proximidade na linha editorial e na dinâmica informativa do Porto Canal

Resumo

O presente relatório tem como objetivo fundamental refletir o papel da proximidade como critério de noticiabilidade, ou valor-notícia, e o modo como esta é aplicada no dia-a-dia jornalístico, na redação do Porto Canal. Este estudo surge na sequência de um estágio realizado no referido órgão de comunicação social, entre setembro e dezembro de 2022, incluído no programa curricular do Mestrado em Ciências da Comunicação: Informação e Jornalismo, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Em atividade há 17 anos, o Porto Canal faz da proximidade a sua grande bandeira, tendo a Área Metropolitana do Porto e a região Norte de Portugal como as grandes áreas de atuação da cobertura jornalística.

À luz do meu período de estágio de três meses no Porto Canal, este estudo pretende elencar as principais aprendizagens obtidas numa primeira experiência em jornalismo televisivo, bem como analisar de que modo é que a proximidade impacta o funcionamento diário da estação, quer ao nível das decisões editoriais – alinhamentos de emissão, serviços, cobertura noticiosa, entrevistas – quer ao nível do modo de trabalhar dos jornalistas – fontes utilizadas, locais privilegiados de cobertura, abordagem dos temas em contexto de peça, etc.

Para tal, procede-se a uma autoavaliação do estágio, dos principais trabalhos desenvolvidos e das aprendizagens obtidas ao longo do tempo. Posteriormente, à boleia d, procede-se a uma análise empírica de um mês de emissões noticiosas da estação, com vista a confirmar, ou desmentir, o assumido papel da proximidade na respetiva linha editorial.

Palavras-chave: proximidade; região; noticiabilidade; *media*; Porto

Title

The influence of “closeness” on Porto Canal’s editorial guidelines and informative Dynamics

Resumo

The fundamental aim of this report is to reflect on the role of proximity as a criterion of newsworthiness, or news value, and how it is applied in the daily journalistic work of the Porto Canal newsroom. This study is the result of an internship carried out at the media outlet between September and December 2022, included in the curricular program of the Master's Degree in Communication Sciences: Information and Journalism, at the Institute of Social Sciences of the University of Minho.

In business for 17 years, Porto Canal has made proximity its flagship, with the Porto Metropolitan Area and the northern region of Portugal as its main areas of news coverage.

In the light of my three-month internship at Porto Canal, this study aims to list the main lessons learned from a first experience in television journalism, as well as to analyze how proximity impacts the daily operation of the station, both in terms of editorial decisions - broadcast line-ups, services, news coverage, interviews - and in terms of the way journalists work - sources used, privileged coverage locations, approach to topics in the context of the piece, etc.

To this end, a self-assessment is made of the internship, the main work carried out and the lessons learned over time. Subsequently, an empirical analysis of a month of the station's news broadcasts is carried out in order to confirm or deny the assumed role of proximity in its editorial line.

Keywords: closeness; region; news; *media*; Porto

SUMÁRIO

Introdução	9
<i>Qual o papel dos média regionais no frenesim informativo?</i>	9
1.	12
<i>Porto Canal: a pronúncia do Norte</i>	12
1.1 “Você é o nosso Norte”: Porto Canal como bastião da territorialidade nortenha	13
1.1.1 A empresa Porto Canal.....	13
1.1.2 As instalações do Porto Canal.....	16
1.2 Região, região e... mais região: o peso do território na grelha do Porto Canal	19
1.3 O estágio no Porto Canal	25
1.3.1 O pré-estágio.....	25
1.3.2 O estágio: os primeiros dias numa redação televisiva	27
1.3.3 Da redação ao terreno: as primeiras peças no ar	29
1.3.4 O fim...ou talvez não	35
2.	39
<i>Jornalismo de proximidade: as ‘estórias do fundo da rua’</i>	39
2.1 A noção de proximidade à luz do jornalismo	40
2.2 A proximidade como bandeira dos <i>media</i> regionais	43
2.3 O jornalista como elo de proximidade	48
3.	53
<i>‘Porto Canal: um exemplo de jornalismo de proximidade?’</i>	53
3.1 Noções-chave da produção jornalística do Porto Canal	54
3.1.1 Os noticiários	54
3.1.2 O alinhamento	55
3.1.3 O “off”	55
3.1.4 As “talking heads”	56
3.1.5 As peças	56
3.1.6 Os diretos	57
3.2 Objetivos da análise	59

3.3 Análise empírica: metodologias de um estudo de caso	61
3.4 Análise de resultados	62
3.5 Reflexões conclusivas	67
4.	70
<i>Considerações Finais</i>	70
Referências Bibliográficas	73
Anexos	77

Introdução

Qual o papel dos media regionais no frenesim informativo?

Carlos Camponez é o autor de uma das minhas frases favoritas do universo dos *media* e do jornalismo. O professor e investigador afirma que “quando as notícias longínquas nos chegam à hora dos noticiários da noite, apercebemo-nos de que nada sabemos do que se passou ao fundo da nossa rua” (Camponez, 2002, p.15).

Quando paramos para pensar no tipo de conteúdos noticiosos que consumimos, esta declaração ganha um peso substancialmente diferente, e faz-nos olhar de uma perspetiva completamente distinta para o modo como, por vezes, nos perdemos na imensidão informativa do dia-a-dia. No meio do turbilhão informativo a que todos os dias temos acesso, é bastante expectável que deixemos cair no esquecimento uma fatia significativa de histórias, protagonistas e acontecimentos que, pela sua proximidade geográfica, social e, até, afetiva, deveriam apelar mais ao nosso “eu”, enquanto pessoas e enquanto parte integrante de uma comunidade.

É evidente que nem tudo o que acontece “ao fundo da nossa rua” é passível de ser noticiado num órgão de comunicação social. Nem todos os acontecimentos são notícia, apenas porque aconteceram. Mas o cerne da questão não passa por aí. Passa, sim, por perceber a

importância do papel dos órgãos de comunicação social de âmbito regional, e o modo como estes se estabelecem nas respetivas comunidades e focam o seu trabalho jornalístico nos acontecimentos, nas temáticas e nos protagonistas que são deixados para trás pelas empresas jornalísticas nacionais. Será que cumprem esse papel de forma eficaz? Será que, mesmo nessa cobertura de maior proximidade aos nichos, há histórias e entidades que acabam por predominar, em detrimento de outras?

Durante o meu período de estágio no Porto Canal, percebi que há uma preocupação editorial em manter o Grande Porto e a região Norte do país em primeiro plano no tratamento dos assuntos. Mesmo perante temáticas de âmbito nacional ou internacional, verifica-se uma tendência para apontar a ‘agulha da bússola’ para Norte, e procurar formas de abordar a questão através um ângulo de proximidade, voltado para a região e para as suas gentes – o impacto, direto ou indireto, que esse tema ou acontecimento pode suscitar na região e trabalhar o acontecimento por esse prisma (o uso constante do *vox-pop*, para recolher as opiniões populares aos assuntos da ordem do dia, é um dos exemplos mais visíveis do Porto Canal).

À luz do meu período de estágio de três meses no Porto Canal, este estudo pretende elencar as principais aprendizagens obtidas numa primeira experiência em jornalismo televisivo, bem como analisar de que modo é que a proximidade impacta o funcionamento diário da estação, quer ao nível das decisões editoriais – alinhamentos de emissão, serviços, cobertura noticiosa, entrevistas – quer ao nível do modo de trabalhar dos jornalistas – fontes utilizadas, locais privilegiados de cobertura.

Mais do que estabelecer um inventário, ou uma compilação *best-of* do trabalho por mim desenvolvido ao longo dos três meses de estágio na redação do Porto Canal, o presente relatório pretende traçar um olhar crítico e fundamentado sobre o peso do território, da região e da proximidade nas decisões editoriais do canal e, por conseguinte, na agenda mediática e na cobertura proporcionada pelo mesmo, da informação ao entretenimento. Importará, também, trazer para a análise o modo como isso se refletiu no decorrer do meu estágio, quer no tipo de serviços que me eram atribuídos, quer no tipo de informação que produzia para as emissões informativas.

Daí que, ao longo deste estudo, a questão de partida que guiará a minha reflexão seja: “Qual o peso da proximidade na linha editorial do Porto Canal e de que formas é que esta molda as dinâmicas informativas da estação?”.

1

Porto Canal: a pronúncia do Norte

Este capítulo tem como objetivo enquadrar uma breve apresentação biográfica e histórica do Porto Canal, enquanto instituição e órgão de comunicação social, sempre à luz da minha primeira experiência de sempre como estagiário num canal de televisão.

Sem querer, propriamente, aprofundar-me numa linha cronológica do perfil do canal, pretendo registar o meu olhar sobre o Porto Canal de um prisma identitário, mediante o posicionamento do canal perante o público e a concorrência, bem como as experiências que o estágio me proporcionou e as impressões que fui recolhendo ao longo dos tempos.

Pretendo, ainda, aprofundar, de um ponto de vista prático e de trabalho, o meu percurso, enquanto estagiário na estação televisiva, elencando não só as principais aprendizagens que fui assimilando ao longo do caminho, mas também as dinâmicas de redação de que passei a fazer parte, bem como algumas das experiências de reportagem e de redação mais marcantes e relevantes desse período.

1.1 “VOCÊ É O NOSSO NORTE”: PORTO CANAL COMO BASTIÃO DA TERRITORIALIDADE NORLENHA

O epíteto destacado a aspas neste subtítulo, embora possa ser visto várias vezes ao dia nos separadores da programação do Porto Canal, não se limita a ser um lema de bandeira ou um *slogan* empresarial. De certo modo, também o é, mas, para além de tudo isso, compreende uma expressão que nos pode ajudar a traduzir aquilo que o Porto Canal pretende ser e os valores que defende enquanto projeto televisivo.

Por um lado, há o fator “você”: o público, a audiência, o espetador, o consumidor, o cliente para quem, em derradeira instância, cada profissional da estação trabalha. É em função deste “você” que vive qualquer órgão de comunicação social e é para “ele” e à feição “dele” que são produzidos os conteúdos informativos, de entretenimento, desportivos, culturais, documentais, entre tantos outros.

Por outro lado, há o fator “Norte”: a região, o território, o próximo, o “já ali ao lado”, as pessoas, as comunidades, os municípios, as ruas. Conjugados, estes dois fatores deixam explícita a missão descentralizadora e de proximidade que o Porto Canal tem vindo a assumir, na sua ainda curta caminhada enquanto canal de televisão.

1.1.1 A empresa Porto Canal

Com sede na cidade da Senhora da Hora, no concelho de Matosinhos, o Porto Canal viu as emissões arrancarem, de forma oficial, a 29 de setembro de 2006. Trata-se, sem dúvida, de um canal ainda jovem que tem vindo, ano após ano, a construir o seu caminho e a estabelecer um lugar entre os “grandes” da comunicação televisiva (e não só) do país. De acordo com o *site* oficial do Futebol Clube do Porto, o Porto Canal é o único canal generalista da televisão portuguesa “com praticamente 100 por cento de produção portuguesa própria”¹, com a agravante de que essa produção nasce, quase inteiramente, a partir da região Norte do país.

¹ <https://www.fcporto.pt/pt/corporate/media>



FIGURAS 1 e 2 - A identidade visual do Porto Canal apresenta-se, nos dias de hoje, destas duas formas. É de realçar a predominância do azul e do branco, que são também as cores utilizadas nos grafismos das emissões televisivas (Anexo I).

Apesar de ainda ter apenas 17 anos de história, o Porto Canal já passou por várias transformações de cariz económico, administrativo e empresarial, que moldaram a empresa para que esta se tornasse no canal de televisão próximo, competitivo e diversificado que é hoje.

Em 2011, o canal passou a ser gerido pelo Futebol Clube do Porto [mais concretamente pela FCP Media], através de uma parceria com a espanhola MediaPro, que ainda hoje assegura todos os recursos técnicos necessários para o funcionamento do canal (repórteres de imagem, régie, assistentes às operações...).

Como mostra o *site* do Porto Canal, no separador “Sobre o Porto Canal”², atualmente o Futebol Clube do Porto detém 82,4% do capital social da estação televisiva, enquanto que o restante está nas mãos da MediaPro Portugal. Creio que este negócio impactou o Porto Canal em dois aspetos fundamentais.

Por um lado, representou alterações com efeito imediato na grelha de programas e emissões. Com a entrada em cena de um novo acionista maioritário, neste caso, um dos principais clubes do futebol profissional português, o Porto Canal passou a ter que agilizar uma conjugação entre os conteúdos generalistas e os diferentes programas que já transmitia desde a sua criação,

² https://portocanal.sapo.pt/porto_canal

com os conteúdos diretamente relacionados ao quotidiano do Futebol Clube do Porto, às suas modalidades e aos protagonistas do clube, tanto dentro como fora de campo. Isto significa, precisamente, mais horas dedicadas às transmissões de eventos desportivos, debates, conferências de imprensa, cerimónias de relevância para o clube, por vezes em detrimento dos programas e das emissões generalistas, que acabam por ficar com uma duração mais curta, ou acabam por ser transmitidos numa hora não habitual face à grelha normal do programa.

Por outro lado, pode-se afirmar que o investimento que o Futebol Clube do Porto optou por fazer num canal jovem emergente na cidade – ao invés de, por exemplo, criar um canal de televisão próprio de raiz, como fizeram os rivais do Sport Lisboa e Benfica ou do Sporting Clube de Portugal - acabou por trazer mudanças. Numa redação de um órgão de comunicação social, mais dinheiro representa mais meios e recursos de trabalho, o que acaba por favorecer os jornalistas e o próprio canal que, na altura, ainda lutava pelo seu espaço entre os canais da “velha guarda”, como a RTP, a SIC ou a TVI.

O próprio Futebol Clube do Porto revela que, a partir de janeiro de 2016, quase cinco anos depois da concretização do negócio, “verificou-se a mais profunda alteração até aí promovida na estação, a nível tecnológico e de programação, com particular impacto na melhoria da qualidade de som e imagem (alta definição) e que incluiu igualmente a renovação do logótipo e do grafismo”. Na época, o Jornal de Negócios foi um dos primeiros órgãos de comunicação social a noticiar³ a reviravolta na vida do Porto Canal:

Esta segunda-feira, 11 de janeiro, nasce o novo Porto Canal. A estação televisiva do Norte vai contar com novo grafismo e programação, bem como com novas infraestruturas tecnológicas.

Esta renovação é fruto do investimento do FC Porto, que adquiriu a totalidade da estação televisiva em julho de 2015, e implica um investimento de cerca de 3,5 milhões de euros: "cerca de 1,5 milhões de euros em upgrade tecnológico no Centro de Produção da Senhora da Hora e cerca de 2 milhões de euros em construção, equipamentos e cenários no Centro de Produção do Dragão", disse ao Negócios fonte oficial do canal.

³https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/fc_porto_investiu_35_milhoes_de_euros_na_renovacao_do_porto_canal

Nos dias de hoje, o Porto Canal tem apostado numa presença mais consistente no meio digital e nas redes sociais.

Em 2012, Jerónimo e Bastos afirmavam, relativamente à imprensa escrita, que “desde que surgiu a Internet, a imprensa deixou de ter unicamente o papel como meio para produção e difusão. Se já seria impossível ignorar este meio, ainda mais agora com o aparecimento e crescente adesão dos utilizadores aos dispositivos móveis” (Jerónimo e Bastos, 2012, p. 41). Ora, hoje em dia, esta realidade estende-se muito mais para além da imprensa escrita. Bastam breves pesquisas no motor de busca para perceber que qualquer jornal, estação de rádio ou canal televisivo português, com um mínimo de relevância à escala nacional, aproveitou a emergência da *web* e a banalização dos dispositivos móveis para capitalizar o seu espaço na *internet* e nas redes sociais e, com isso, aproximar-se dos seguidores e, quiçá, apelar a outro tipo de públicos, mais desligados dos meios tradicionais. Gil Batista Ferreira lembra, a propósito, que “as novas tecnologias associadas à Internet vieram assumir-se, claramente, como suportes que permitem ampliar a níveis inéditos as opções de interatividade no jornalismo” (Ferreira, 2012, p. 74).

O Porto Canal não foi exceção, mas o estabelecimento de uma visão estratégica orientada para o digital e para a rede só chegou, de forma mais expressiva, um pouco mais tarde. No início de 2022, numa altura em que todos os jornalistas trabalhavam, de forma articulada, na produção de conteúdos informativos para televisão, uma parte desses profissionais foi alocada para começar a trabalhar, quase que de forma exclusiva, na criação de conteúdos *online* e multimédia.

Para além do *website*, o Porto Canal está presente nas principais redes sociais, à exceção do TikTok (Anexo II). O *Facebook* é, de longe, a rede social com maior impacto estatístico, com uma contagem total de 321 mil ‘gostos’ e de 387 mil seguidores. O *Twitter*⁴ surge com bastante menos expressão, contabilizando cerca de 36 mil seguidores. Estas duas redes sociais são utilizadas, exclusivamente, para a partilha das notícias do *website* e de alguns trechos televisivos, através de hiperligações. Em contrapartida, o *Instagram*, onde o Porto Canal amalha 123 mil seguidores, é a rede social onde mais se verifica a nova orientação digitalizada e de multimédia da empresa, com a criação de conteúdos exclusivos para esta rede social, através de *stories*, *reels*,

⁴ Em julho de 2023, a rede social *Twitter* passou a denominar-se X.

vídeos animados ou grafismos, facilmente difundidos pelas centenas de milhares de pessoas que os observam, diariamente.

1.1.2 As instalações do Porto Canal

Atualmente, o Porto Canal dispõe de dois centros de produção. Um na Senhora da Hora, em Matosinhos, e outro entre o Dragão Arena e o Estádio do Dragão, em Campanhã.

Voltados para propósitos distintos, ainda que dentro de um universo comum e regido por interesses similares, ambos os centros de produção funcionam de forma autónoma e praticamente independente, não havendo interação entre os jornalistas das duas redações. A complementaridade e a cadência de trabalho entre os dois polos de produção é assumida e sistematizada pelas respetivas direções e coordenações, que garantem que ambas abastecem as emissões e a grelha programática de forma eficaz e contínua.

Na sede da Senhora da Hora, em Matosinhos, é onde é produzida toda a informação generalista e onde são gravados e transmitidos todos os blocos noticiosos do Porto Canal. Além dos noticiários, é também nos estúdios da Senhora da Hora que são gravados os programas com cunho informativo e pedagógico, como o ‘Consultório’ ou o ‘Economia Real’.



FIGURAS 3 e 4 - À esquerda, a redação de produção de informação linear (para televisão). À direita, o estúdio onde são gravados os conteúdos informativos do Porto Canal. No momento da captura da imagem, decorria o programa “Consultório”.

As instalações do Porto Canal na Senhora da Hora estão divididas em dois pisos. No piso superior, é onde se localizam os cerca de 20 postos de trabalho dos produtores de informação, dos coordenadores e dos jornalistas alocados à informação linear, isto é, a que é transmitida na televisão. O piso inferior está destinado aos jornalistas de multimédia, que produzem conteúdos para as redes sociais e para o *website* do Porto Canal. Nestas instalações, existem, igualmente salas destinadas ao material audiovisual, departamento comercial e de entretenimento, grafismo, caracterização/maquilhagem, régie e copa para refeições. Existe, também, uma sala destinada às reuniões da direção do canal, além de um gabinete para a Diretora de Informação e outro para a Coordenação Geral e de Planeamento e Meios.

No Centro de Produção do Dragão (CPD), localizado num espaço subterrâneo, por baixo do Dragão Arena, é onde é produzida e trabalhada toda a informação relacionada com o Futebol Clube do Porto. A proximidade às infraestruturas desportivas do clube faz com que seja logisticamente mais viável concentrar naquela redação os conteúdos televisivos e digitais relacionados com o Futebol Clube do Porto. Este polo de produção dispõe praticamente das mesmas comodidades e recursos que o centro de produção da Senhora da Hora. É aqui que são gravados os noticiários com informação exclusivamente a respeito do clube [Flash Porto] e os programas de debate associados ao mundo azul-e-branco [Universo Porto], além de ser neste centro de produção que decorrem várias narrações de jogos do Futebol Clube do Porto, em diferentes escalões e modalidades. O único programa não relacionado com o clube a ser conduzido através do CPD é o programa de cultura e gastronomia Viver Aqui, um dos mais antigos e bem-sucedidos da estação televisiva.

Além dos centros de produção da Senhora da Hora e do Dragão, o Porto Canal conta, ainda, com três delegações, asseguradas por equipas de jornalistas e repórteres de imagem: a delegação de Braga, encarregue de cobrir os eventos e acontecimentos da região do Minho; a delegação de Vila Real, a quem compete seguir o quotidiano da região de Trás-os-Montes e Alto Douro e da zona mais a norte da Beira Alta; e, por fim, a delegação de Lisboa, que apenas é convocada quando assim se justifica. Em tempos, o Porto Canal chegou a dispor de nove delegações, mas boa parte delas acabou por cessar atividade, já sob a administração do Futebol Clube do Porto. Há ainda um correspondente em Bruxelas, dedicado aos temas da União Europeia.

Ainda assim, o Porto Canal é muito mais do que o conteúdo produzido nestes espaços acima referidos. Programas como o ‘Finanças a Contar’, ‘Estórias com Rosto’, ‘Caminhos da História’, ‘Cinema Batalha’ ou o ‘Coliseu’, sendo gravados em diversos espaços icónicos do Grande Porto, ajudam a alimentar a grelha de programas do Porto Canal com conteúdos muito diversificados, ao mesmo tempo que ajudam a divulgar a região e a cativar os diferentes tipos de públicos.

1.2 REGIÃO, REGIÃO E... MAIS REGIÃO: O PESO DO TERRITÓRIO NA GRELHA DO PORTO CANAL

Agora que são estão apresentados, em linhas gerais, o *background* e a identidade do Porto Canal, importa perceber se as características que distinguem esta estação televisiva se aplicam, efetivamente, no jornalismo praticado pelos profissionais da casa e nas decisões editoriais aprovadas pela coordenação.

Para que possam ser verdadeiramente justificadas e compreendidas as características diferenciadoras do Porto Canal enquanto proposta alternativa de uma televisão generalista que aposta no mundo regional, que valoriza o território e pretende alavancar as potencialidades da região Norte, dos seus *ex-libris*, as suas culturas e das suas gentes para um público mais abrangente, podemos começar, por exemplo, por observar aquela que é a grelha de programação habitual oferecida pelo canal.

A propósito, este exercício permite, simultaneamente, reforçar uma ideia paralela. Apesar da posição maioritária ocupada pelo Futebol Clube do Porto na estrutura do Porto Canal, após o negócio que começou a ser executado em 2011, a emissora televisiva nunca perdeu a essência informativa e divulgadora das particularidades do Grande Porto, bem como das localidades, das províncias e das comunidades intermunicipais do Norte português. É indubitável que, no pós-negócio, os conteúdos de cariz desportivo (e extradesportivo) relacionados com o Futebol Clube do Porto, e toda a sua *entourage* desportiva e social, passaram a ganhar terreno significativo no tempo de antena do Porto Canal, levando, não raras vezes, a reorganizações de grelha, quando se justifique, em função do quotidiano do clube. Das transmissões dos jogos do Futebol Clube do Porto, em várias modalidades e em diferentes escalões, aos espaços de comentário [ex: *Universo*

Porto], à análise noticiosa desportiva [ex: *Flash Porto*] ou às entrevistas a figuras relacionadas com a história do clube [ex: *Vencedores Como Sempre*], são várias as vertentes em que o Futebol Clube do Porto marca presença no dia-a-dia do Porto Canal.

No entanto, existe toda uma realidade externa ao clube que alimenta a programação mediática quotidiana do Porto Canal, da informação ao entretenimento, passando pelo desporto e pela cultura. Aliás, em 2018, o diretor de informação do Porto Canal da altura lembrava o seguinte⁵: "O Porto Canal está registado como um canal generalista, 70 por cento da nossa programação é generalista e 20 a 30 por cento é dedicado ao FC Porto, que é o acionista maioritário do canal". O próprio Futebol Clube do Porto, no *site* oficial, destaca que o Porto Canal⁶ "embora detenha conteúdos exclusivos relativos ao FC Porto, é um canal generalista, sendo, aliás, o único do género em Portugal feito fora de Lisboa".

É precisamente neste campo que o Porto Canal diverge da tendência que é verificada nos canais detidos pelos dois maiores adversários desportivos do Futebol Clube do Porto: a BTV, propriedade do Sport Lisboa e Benfica, ou a Sporting TV, no caso do Sporting Clube de Portugal. Ao passo que estes dois últimos O facto de o Porto Canal já existir, antes da aquisição por parte do Futebol Clube do Porto, pode ser um argumento válido. Ainda assim, o Futebol Clube do Porto assume que "os blocos de informação generalista, as transmissões exclusivas das várias modalidades do FC Porto e os programas que se dedicam à análise e debate do mundo azul e branco e do desporto português – como o Universo Porto da Bancada – são âncoras da grelha" do Porto Canal.

Mas, voltando atrás, e enfatizando a grelha diária propriamente dita, conseguimos perceber as políticas do Porto Canal, no que ao cariz regionalista e à promoção dos territórios diz respeito. Da informação ao entretenimento, passando pela cultura, pelas artes e pelo desporto, a promoção dos territórios do Norte do país é o mote para todo o tipo de conteúdos que são transmitidos na estação. Vamos observar, abaixo, a sinopse oficial⁷ de quatro programas diferentes do Porto Canal.

⁵ <https://www.ojogo.pt/futebol/1a-liga/porto/noticias/julio-magalhaes-porto-canal-e-um-canal-generalista-temos-direito-a-liberdade-de-expressao-9149542.html/>

⁶ <https://www.fcporto.pt/pt/corporate/media>

⁷ GUIA TV - <https://portocanal.sapo.pt/programacao>

08:00

Emissão online



MANHÃ INFORMATIVA

Espaço de informação com notícias que estão a marcar a atualidade com especial atenção ao que se passa no Norte. Vamos também mostrar os valores e as tradições culturais, religiosas, gastronómicas do Norte.

FIGURA 5 - *Manhã Informativa*

10:45

Emissão online



N'AGENDA

Agenda Cultural apresenta semanalmente sugestões e novidades no meio cultural do Porto e Norte do país. Exposições, concertos, cinema, arte etc. vão ser os temas em destaque.

FIGURA 6 - *N'Agenda*

13:30

Emissão online



PLANETA VERDE

O Planeta Verde é um programa que vai mostrar o que de melhor e mais transformador se faz a Norte na área do Ambiente. O intuito é que seja um programa que inspire a mudar comportamentos e a saber mais sobre projetos ambientais com impacto positivo a Norte. São programas em que se coloca as mãos na massa, vamos ao terreno ver os projetos e tentamos descentralizar sempre que possível, para termos uma variedade geográfica também. Este programa tem um patrocinador que a Earth Consulters.

FIGURA 7 - *Planeta Verde*

15:40

Emissão online



VIVER AQUI

Viver Aqui é um programa de Info – Entretenimento do Porto Canal, dedicado à valorização e promoção do Norte. Este programa pretende, através de reportagens em direto, dar a conhecer aos telespectadores o que de melhor há na sua proximidade. Temática Este é um espaço para divulgação turística, onde damos a conhecer o Património, a Cultura, a Gastronomia, as tradições e outros interesses que o território tem para oferecer. Numa região fortemente industrializada, realçamos também o setor empresarial, sem esquecer que as pessoas são o nosso motivo. Região Divulgação os eventos culturais, sociais, entre outros a decorrer no seu município. Descubra o nosso roteiro Francesinhas Imperdíveis aqui.

FIGURA 8 - *Viver Aqui*

O que têm em comum um bloco noticioso matinal, um magazine cultural, um programa de promoção e defesa do ambiente e um programa de cultura e gastronomia? No caso do Porto Canal, como pudemos observar pelas apresentações dos programas, todos estes espaços televisivos carregam em si a missão de trazer ao de cima o que se passa na região Norte e o modo como esses acontecimentos “falam” às gentes da região. No caso da Manhã Informativa, dá-se primazia às notícias que têm como pano de fundo as aldeias, vilas e cidades da região Norte, ou que afetem, de alguma forma, estes territórios. No N’Agenda, promove-se uma jornada pelo que de melhor se faz na cultura do Norte do país. O Planeta Verde faz o mesmo, mas no setor ambiental. O Viver Aqui também vive da região Norte, documentando e estabelecendo uma cobertura próxima das feiras, monumentos e tradições “cá de cima”.

Devo ressaltar que, na qualidade de jornalista estagiário, tudo o que extravasasse a produção de conteúdos de informação para os diferentes programas informativos, e os respetivos alinhamentos, escapava do meu controlo e do meu conhecimento aprofundado. Tornei-me um espetador atento do Porto Canal, à boleia do estágio e do que por lá ia produzindo, e, por essa razão, consegui, também, contemplar por mim mesmo essa orientação territorial da estação.

Os primeiros dois pontos dos estatutos editoriais do Porto Canal⁸, que são de acesso público, abordam, precisamente, a preocupação do canal em promover as “regiões” e a “diversidade regional” do país.

O **Porto Canal** é uma estação de TV privada e generalista que tem por missão contribuir, através do esclarecimento da opinião pública e da partilha de informação, para a afirmação da identidade, da cultura e dos valores do País e das suas regiões.

O **Porto Canal** aposta numa programação de qualidade, diversificada e coerente, proporcionando a divulgação de atividades e realizações das personalidades e instituições, nomeadamente autarquias, universidades, empresas, fundações, associações, organizações não governamentais e outras entidades que contribuem para a afirmação da diversidade regional do País.

A proximidade é uma das mais fortes características identitárias assumidas pelo Porto Canal. Os estatutos editoriais e a própria grelha de programas dão conta disso mesmo. Neste caso, referimo-nos à proximidade às gentes, aos atores sociais, às vicissitudes, às problemáticas

⁸ https://portocanal.sapo.pt/estatuto_editorial

e ao dia-a-dia social, económico e político, tanto da cidade do Porto, como de toda a Área Metropolitana do Porto e, de modo mais amplo, de toda a região Norte de Portugal. Confrontei-me com esta realidade, logo nas primeiras de estágio, à medida que fui ganhando mais autonomia e ia sendo convocado para mais idas ao terreno. Os serviços jornalísticos em agenda localizam-se, na quase totalidade das vezes, a norte do rio Mondego, salvo muito raras exceções – e, daqui, exclui-se a cobertura de matéria internacional, que é levada a cabo através das parcerias estabelecidas com as agências noticiosas, em particular a Lusa ou a Reuters.

Conforme mencionam Rebelo e Teixeira, “a cidade do Porto tem uma história ligada à resistência ao centralismo e reivindicação da identidade local. Para se afirmar, o Porto tem de ganhar força política, económica e comunicacional. Nesta ordem de ideias, o Porto Canal pretende dar resposta a alguns imperativos de interesse local e também de projeção de particularismos e singularidades da região” (Rebelo & Teixeira, 2014, pp. 1-2).

Ora, a visão descentralizadora e, até, regionalista da informação jornalística do Porto Canal também pode ser percebida na própria abordagem dos temas noticiosos e no modo como estes são tratados, jornalisticamente falando. Para simplificar a minha análise a esta ideia, dividiria a minha linha de pensamento em quatro vetores fundamentais, ressaltando que, neste caso, estou a cingir-me à informação jornalística generalista, excluindo toda a informação desportiva e não-desportiva associada ao Futebol Clube do Porto, que acaba a não se enquadrar na análise que pretendo aqui traçar.

Por um lado, existem temáticas que, pelo seu contexto, acabam por desempenhar um certo papel influenciador naquela que é a linha editorial do canal e, por inerência, motivam uma atenção jornalística. Refiro-me, aqui, a temas como a regionalização, a descentralização de competências da administração central para as autarquias, ou as próprias dinâmicas da política autárquica dos municípios nortenhos. Pelas razões que referi anteriormente, e por constituírem assuntos em constante desenvolvimento e a suscitarem um debate público constante, estes temas são frequentemente abordados e desenvolvidos pelos jornalistas do Porto Canal e ocupam uma parte considerável do tempo de antena dos espaços de comentário ou debate. A estação televisiva acaba, de forma algo voluntária, por erguer-se como um ‘contrapoder’ ao governo central e à administração de Lisboa e, por consequência disso, acaba a capitalizar para si o papel de “porta-

estandarte”, no universo da comunicação social, da região Norte e da sua promoção, que vai muito além da região enquanto porção geográfica delimitada no mapa.

Em segundo lugar, existem os temas “comuns” a toda a sociedade e a todo o país e que, por essa razão, não constituem uma exclusividade do território que o Porto Canal cobre. Existem milhares de assuntos que se encaixam nesta categoria, como o aumento das taxas de juro, os impostos, as oscilações nos preços dos combustíveis, as decisões políticas e económicas do governo ou as greves nacionais. São casos em que o acontecimento não tem, propriamente, um local definido, mas, ao mesmo tempo, “acontece” em todo o lado, na medida em que afeta o funcionamento da sociedade como um todo. Nestes casos, a estratégia jornalística do Porto Canal passa por explorar os temas, sempre com a agulha voltada para Norte. Por exemplo, no caso das oscilações dos preços dos combustíveis, a estratégia passa por observar se há uma “corrida” aos postos de abastecimento a Norte, ouvir os condutores e perceber as suas visões no assunto. Ou então, no caso das greves, procura-se sempre perceber os impactos nas instituições do Norte do país (escolas, hospitais...) ou contactar estruturas sindicais sediadas a Norte. Aliás, “dar sempre prioridade ao Norte” foi uma das primeiras dicas que me transmitiram, a propósito da escrita deste tipo de notícias para televisão.

O terceiro ponto, que acaba por ser, de certo modo, uma extensão do segundo, são as cerimónias oficiais ou as visitas de figuras do Estado ao Norte do país. Uma vez mais, não estamos perante acontecimentos originários do Norte, mas que motivam sempre uma cobertura mediática. No Porto Canal existe uma quase obrigação editorial de acompanhar as visitas de membros do Governo ou do Presidente da República, a partir do momento em que estas se realizam na “área de influência” do canal. Em alguns casos excecionais, o Porto Canal extravasa a região Norte para marcar presença em alguns eventos que não podem ser mesmo abdicados, através da delegação de Lisboa (a título de exemplo, a apresentação do Orçamento do Estado ou o congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses).

Por último, os acontecimentos de cariz regional e local, e que compreendem tudo o que aconteça na Área Metropolitana do Porto e na região Norte e seja passível de ser noticiado. Podemos falar de política autárquica, conferências, desastres naturais, sinistralidade rodoviária, crimes, eventos culturais e desportivos, novidades impactantes de instituições ou entidades com poder na região ou temas mais densos e complexos (o tráfico de droga e a insegurança na cidade

do Porto, por exemplo). Mesmo com uma área de cobertura bem delimitada, o Porto Canal acaba por não conseguir ter um jornalista e um repórter de imagem em todos os recantos da região, a cobrir todas as notícias. Para colmatar estas lacunas, o trabalho das delegações de Braga e de Vila Real sobressai, pois acabam por ser a “extensão” do canal em territórios mais distantes da sede. Além disso, o Porto Canal tem vindo a estabelecer relações cordiais e, até, de parceria, com alguns órgãos de comunicação social locais, como é o caso da Alto Minho TV, que, por vezes, produzem conteúdos que acabam a ser emitidos nos blocos noticiosos do canal.

1.3 O ESTÁGIO NO PORTO CANAL

Antes de ter sido selecionado para o estágio curricular no Porto Canal, que frequentei entre 12 de setembro e 9 de dezembro de 2022, nunca tinha estado no interior de uma redação de um canal de televisão.

Nesse sentido, esta constituiu, também, uma oportunidade de aprender a ser funcional e produtivo num contexto que me era estranho. De um dia para o outro, passei a conviver e a trabalhar de perto com jornalistas com anos – e décadas – de experiência. Alguns rostos que apenas conhecia da televisão, enquanto espectador, ou de reportagens avulsas com que me cruzava, entre a imensidão dos *feeds* e dos *zappings*, passaram a fazer parte do meu quotidiano e a inculcar-me conselhos e orientações diversas

1.3.1 O PRÉ-ESTÁGIO

O momento mais aguardado para quem frequenta o mestrado em Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho, será, seguramente, o estágio curricular, que corresponde à derradeira etapa a realizar antes da obtenção do grau de mestre.

Em qualquer uma das vertentes do curso de Ciências da Comunicação – Informação e Jornalismo, ou Audiovisual e Multimédia, assim como Comunicação Estratégica e Relações Públicas - a Universidade do Minho dispõe de um protocolo estabelecido com centenas de instituições e empresas que se disponibilizam a acolher os novos estagiários, mediante a disponibilidade da empresa e os meios e as dinâmicas que esta pode garantir para que a

experiência de estágio seja proveitosa para todas as partes. O aproveitamento letivo do candidato a estagiário, a disponibilidade e/ou o interesse da instituição, mas também o *timing* e, creio, alguma sorte são as parcelas a ter em conta nesta equação.

No momento da candidatura, selecionei duas estações televisivas e uma estação de rádio. Em primeiro lugar da lista, coloquei o Porto Canal. Não era um espetador muito atento, mas já tinha ideia da proposta nortenha e do estilo próximo e territorial da estação, que vim posteriormente a confirmar. Além disso, tinha excelentes referências de antigos colegas que tinham lá estagiado, mas também de professores, unânimes na tese de que o Porto Canal constitui uma escola muito boa e enriquecedora para jovens a dar os primeiros passos no mundo da comunicação (algo que também confirmei *in loco*).

Selecionei, em segundo lugar, a RTP. Embora a minha preferência passasse pelo Porto Canal, não podia ignorar a possibilidade de estagiar na estação pública (no Centro de Produção do Porto, em Vila Nova de Gaia), que é sempre uma grande referência para qualquer estudante de jornalismo em Portugal. Além disso, acaba a ser um dos principais destinos de jovens jornalistas que “fazem escola” e arrancam as respetivas carreiras no Porto Canal.

Por fim, escolhi a Rádio Renascença, também em Vila Nova de Gaia. A rádio sempre me fascinou, desde muito cedo. A experiência de três meses como colaborador voluntário na Rádio Universitária do Minho (RUM), entre abril e julho de 2022, foi não só a minha primeira experiência de trabalho num órgão de comunicação social (ainda que em moldes similares a estágio), como também a minha estreia como parte integrante da dinâmica de uma redação profissional. Lá, aprendi a produzir e a tratar informação para rádio e para *online*, bem como as especificidades narrativas e textuais para cada um dos suportes, mas também aprendi a operacionalizar alguns dos conceitos e das práticas jornalísticas assimiladas na licenciatura (o que é ou não notícia, como filtrar a informação, como agir no terreno...), o que veio a revelar-se bastante útil para o meu caminho pós-RUM. Daí que tenha julgado pertinente selecionar uma estação de rádio como opção para estágio, caso os canais de televisão não me quisessem por lá.

A luz verde do Porto Canal acabou por chegar e o meu estágio curricular arrancou, oficialmente, a 12 de setembro de 2022.

1.3.2 O ESTÁGIO: OS PRIMEIROS DIAS NUMA REDAÇÃO TELEVISIVA

Ainda me lembro, como se fosse ontem, daquele dia 12 de setembro. Uns dias antes, tinha sido instruído pelo meu orientador de estágio a comparecer nas instalações do Porto Canal, na Senhora da Hora, pelas 11h30 daquela segunda-feira. Já conhecia o Porto Canal, mas não era, propriamente, um espectador assíduo. Ainda assim, tive a iniciativa de, nos dias antecedentes, procurar saber sobre as características do canal, a programação e até os principais rostos da estação, como se da preparação para uma entrevista de emprego se tratasse.

Creio que cheguei meia hora mais cedo do que o suposto. Tudo era estranho e eu não sabia o que me iriam pedir para fazer, ou se ia começar a realizar tarefas de estagiário, logo no primeiro dia. Quem me recebeu foi a Vanda, que na altura desempenhava o cargo de chefe de redação e, ao mesmo tempo, o de orientadora institucional dos estágios curriculares em informação e jornalismo de televisão. Levou-me a “conhecer os cantos à casa” e apresentou-me cada divisão e cada profissional que íamos encontrando. Escusado será dizer que eu mantive o modo defensivo e de sobrevivência durante toda a visita, que acabou a ser bem mais rápida do que o esperado.

O primeiro dia consistiu na apresentação dos espaços e dos profissionais do Porto Canal, na apresentação das condições e dos objetivos do estágio e, também para negociar os horários que eu teria que cumprir, ao longo do estágio. Tratando-se de um estágio a *full-time*, isto é, num regime normal laboral de 40 horas semanais, era necessário encaixar-me no quadro de horários seguido pelos jornalistas da redação, de forma a articular, também com as outras 6 estagiárias da redação de linear. Sendo este o esquema de horários em vigor, optei por desempenhar ‘Manhã 4’ e ‘Tarde 2’, numa modalidade rotativa semanal com as demais estagiárias.

MANHÃ 1 – 06H00 – 15H00	TARDE 1 – 13H00 – 22H00
MANHÃ 2 – 07H00 – 16H00	TARDE 2 – 14H00 – 23H00
MANHÃ 3 – 08H00 – 17H00	TARDE 3 – 15H00 – 00H00
MANHÃ 4 – 09H00 – 18H00	
MANHÃ 5 – 10H00 – 19H00	
MANHÃ 6 – 11H00 – 20H00	

QUADRO 1 - Horários

“Isto não é a universidade” foi, talvez, a frase mais impactante que retive daquele dia. E não era, de facto. Estava prestes a integrar uma redação de um canal de televisão e a aprender a produzir conteúdos para a “caixinha mágica”. Ao mesmo tempo, estava prestes a iniciar uma caminhada pelo mundo do jornalismo televisivo, que viria, felizmente, a prolongar-se por tempo indeterminado.

Os dias subsequentes foram todo um desafio e uma aprendizagem. Recebi uma breve formação em *Adobe Premiere Pro*, o programa de edição de vídeo onde são produzidas todas as peças jornalísticas para a emissão. Embora já tivesse alguma prática de edição naquele programa, adquirida no ensino superior, a formação incidiu nas especificidades de edição para televisão, como as técnicas *standard* para qualquer peça jornalística, a regulação adequada dos sons ambiente e de voz, ou os formatos de exportação específicos exigidos pelo sistema.

O sistema a que me refiro é o *Dalet Galaxy*, do qual nunca tinha ouvido falar e que exigiu uma formação mais aprofundada. O *Dalet* é o motor de toda a produção jornalística do canal, sendo aí que se colocam em circulação todas as peças e conteúdos produzidos para passar na emissão. É, também, através dessa plataforma que os coordenadores de emissão controlam e montam os alinhamentos dos blocos informativos, isto é, decidem a ordem com que as peças e os restantes conteúdos passam durante o noticiário, conferindo-lhe uma consistência temática. Por exemplo, a notícia do dia é, tendencialmente, aquela que abre o noticiário, enquanto que os conteúdos desportivos e internacionais são alinhados mais para a reta final do bloco informativo.

Neste campo, a supervisão constante dos coordenadores de informação e dos jornalistas seniores foi essencial para que começasse a compreender e a por em prática os mecanismos de produção de conteúdos para televisão.

Os primeiros dias de estágio foram, também, uma oportunidade para acompanhar as saídas em reportagem dos jornalistas mais experientes. Lembro-me que, nas primeiras semanas, acompanhei jornalistas seniores em duas ocasiões: a primeira, numa visita a um projeto inovador no Hospital de São João, no Porto; e a segunda, numa reportagem de arranque do ano letivo, numa residência universitária privada na Asprela, também no Porto. Foram duas ocasiões em que me foi permitido perceber a dinâmica de terreno e a relação dos jornalistas com as fontes, além da imprevisibilidade dos serviços e da adaptação instantânea que é necessário levar a cabo para enfrentar-las, em prol do sucesso da reportagem.

1.3.3 DA REDAÇÃO AO TERRENO: AS PRIMEIRAS PEÇAS NO AR

Não tardou muito até que eu fosse convocado para sair em reportagem sozinho, pela primeira vez. Na noite de 29 de setembro, tal como todas as noites desde que iniciei o estágio curricular, a agenda de trabalhos do dia seguinte chegara ao meu e-mail. Mas, nesse dia, havia uma grande particularidade. O meu nome estava atribuído a um serviço. O primeiro serviço enquanto jornalista estagiário de um canal de televisão.

A contextualização do serviço era o Dia Nacional da Água, assinalado a 1 de outubro, e o mote da reportagem passaria por entender as tendências de consumo de água no Norte do país, tal como indicava a nota de agenda que recebi.

O Dia Nacional da Água comemora-se no dia 1 de outubro e este é o ponto de saída para abordar a eterna questão: água do poço ou da companhia? Em Portugal, de acordo com dados do regulador (ERSAR), 617 mil casas não estão ligadas à rede pública de abastecimento de água, apesar de terem este serviço disponível (podemos também apurar em quantas casas isto acontece na região norte). Nestas habitações, os consumidores optam por soluções próprias, como poços e furos, o que acarreta um risco para a saúde pública – já que essas captações não são permanentemente controladas.

QUADRO 2 – Nota de agenda

Durante aquela viagem até Santa Maria da Feira, eu estava relativamente descontraído e sentia-me preparado, embora soubesse que estava a ser avaliado e que era imperativo fazer uma boa figura. O Rúben Pereira, o repórter de imagem que me acompanhou nesse serviço, deu-me bastantes dicas relativamente a como agir no terreno, como abordar os entrevistados e de como me posicionar junto ao tripé e à câmara. Colocou-me sempre à vontade, o que me ajudou a ficar calmo durante o serviço.

Entrevistei a proprietária da casa com a qual tinha sido agendada a reportagem, a propósito dos hábitos de consumo e da conjugação diária entre a água do poço e água da rede pública de abastecimento; entrevistei o responsável pela empresa de água, a propósito do balanço estatístico das tendências de consumo, bem como das vantagens e desvantagens de cada forma de consumo; e acompanhei, também, os trabalhos do técnico responsável pela recolha da amostra de água daquela habitação para a respetiva análise.

Naquela altura, a pouca prática de edição de peças jornalísticas para televisão fez com que tenha demorado várias horas, entre a escrita do texto, o corte das entrevistas, a sonorização e o pintar⁹ final, até a peça estar exportada e pronta para passar no ar. Ainda assim, de um modo geral, fiquei satisfeito com o resultado final da reportagem e recebi *feedback* bastante positivo da minha prestação no terreno.

Apesar desta ter sido a primeira reportagem no terreno, já tinha produzido, na redação, alguns conteúdos para serem transmitidos nos noticiários. Uma prática recorrente no Porto Canal é a de aproveitar alguns conteúdos da agência de notícias Lusa¹⁰ e transformá-los em peças para a emissão. Foi nesses moldes que surgiu a primeira peça jornalística que produzi para televisão.

Olhando em retrospectiva, não posso dizer que me orgulho do resultado final, sobretudo no que diz respeito à sonorização, que foi uma das características que melhor desenvolvi ao longo dos tempos. Ainda assim, não deixa de ser o primeiro conteúdo com a minha voz a ser emitido na televisão portuguesa. A reportagem, produzida em época de vindimas, estava relacionada com a quebra nas colheitas de uva no concelho de Monção, uma zona estratégica na produção de vinho verde no Minho. Aproveitando as entrevistas aos produtores vitivinícolas e as imagens recolhidas pela equipa da Lusa, construí a peça abordando as diferenças registadas entre as colheitas de 2021 e 2022 e os argumentos dos produtores a favor da qualidade do vinho. O resultado foi uma peça breve de 1 minuto e 5 segundos, que foi transmitida pela primeira vez a 28 de setembro de 2022. O *feedback* geral dos meus superiores e colegas foi positivo. A peça continha a informação necessária, num tempo especialmente reduzido – o tempo de referência para as peças emitidas nos noticiários do canal é de 2 minutos, podendo ser mais longas quando os temas tratados e o número de intervenientes assim o justificam. Ainda assim, a sonorização mereceu alguns reparos, nomeadamente no que diz respeito ao ritmo e à entoação de certos vocábulos.

Ao longo do estágio, por várias ocasiões, foi-me solicitada a realização de peças de atualidade internacional. Embora o Porto Canal seja, na sua génese, um canal de cariz regional e voltado para a atualidade informativa que diga respeito aos territórios a norte do Rio Mondego, há uma componente de acontecimentos e notícias à volta do globo que o canal se esforça por manter nos alinhamentos de todos os noticiários. Aos domingos, inclusive, há um espaço de comentário

⁹ Em jornalismo de televisão, denomina-se de “pintar” o ato de cobrir o texto sonorizado pelo jornalista (o voz-off) com planos de corte e imagens.

¹⁰ <https://www.lusa.pt/>

inserido no noticiário da noite, denominado de «Mundo Plano», em que o comentador aborda e recapitula os principais acontecimentos da semana, em matéria internacional. Na época em que estava a estagiar, a Europa e o Mundo estavam de olhos postos nos desenvolvimentos da invasão da Ucrânia por parte da Rússia, matéria que merecia uma atualização mediática diária (a fazer lembrar os tempos de pandemia), já que o conflito estava numa das fases mais tensas e todos os dias havia uma nova notícia para dar.

Lembro-me de uma peça que produzi neste âmbito e que, embora não estivesse diretamente relacionada com o aumento dos números de vítimas ou as movimentações geoestratégicas de ambos os países, acabava por encaixar no dossiê “Ucrânia”. Teve como mote a Cimeira do G20¹¹, que reuniu os Chefes de Estado das 20 principais potências mundiais, contando também com a intervenção do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky. Ora, tratando-se da primeira reunião oficial do G20 desde que rebentou o conflito no leste da Ucrânia¹², era essencial perceber que tipo de abordagem o tema teria na cimeira e que tipo de mensagens seriam passados pelos principais líderes mundiais, relativamente ao conflito.

Para a construção da peça, socorri-me da agência *Reuters*¹³, da qual o Porto Canal é cliente, e apliquei o que tinha aprendido sobre legendagem para televisão. A agência disponibilizou várias intervenções de entidades que marcaram presença no encontro, assim como vários planos de corte dessas mesmas figuras a chegar à cimeira, a cumprimentarem-se e a debater.

As peças de internacional são sempre legendadas, através de uma ferramenta própria do *Adobe Premiere Pro*, cujo *preset* já está definido para o enquadramento gráfico das emissões do Porto Canal. No caso desta peça, em que tive que selecionar a perspetiva de diferentes entidades, para enriquecer a peça, o processo de legendagem revelou-se, de certa maneira, moroso. Por um lado, as intervenções do presidente da Indonésia, Joko Widodo, do primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak e do Presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, foram relativamente simples de traduzir, dadas as minhas competências na compreensão do inglês e do francês. Por outro lado, legendar as intervenções do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Sergey Lavrov, demorou bastante mais tempo, considerando

¹¹ Decorreu em Bali, na Indonésia, nos dias 15 e 16 de novembro.

¹² A invasão russa arrancou a 24 de fevereiro de 2022.

¹³ <https://www.reuters.com/>

que ambos intervieram nos idiomas nativos. Felizmente, a *Reuters* publica, juntamente com os excertos das intervenções e as imagens, um *script* com uma transcrição detalhada em inglês de tudo o que é visto e ouvido nas respetivas publicações. Ainda assim, foi necessário um certo “jogo de cintura”, entre o *script* da *Reuters* e o Tradutor da *Google*, para garantir que não estava a colocar legendas nos momentos indevidos. Apesar das dificuldades, a peça ficou pronta a tempo e horas, no dia 15 de novembro, e permitiu-me desenvolver habilidades de legendagem, que vieram a revelar-se muito úteis noutros contextos.

Embora as reportagens construídas em redação tenham sido – e ainda sejam – uma vertente incontornável no desenvolvimento de certas competências, ao nível da escrita, da sonorização, da edição e, quando se aplica, da legendagem, a modalidade de “jornalismo sentado” (Neveu, 2006) nunca me encheu as medidas. Ressalvo que não nego as potencialidades do jornalismo produzido na secretária da redação, sobretudo no que diz respeito ao imediatismo e à maior praticidade de produção jornalística. Ainda assim, o que me fascinava – e fascina - era a ida ao local, o observar a realidade com os próprios olhos, e não através de dispositivos eletrónicos, a interação com as pessoas e o desenvolvimento de laços, através das histórias que vão sendo partilhadas.

Ainda nas primeiras semanas – creio que terá sido a terceira ou quarta reportagem que fiz sozinho – tive um dos serviços mais interessantes de todo o estágio. Na noite de 5 de outubro, recebi a seguinte nota de agenda, anexa a um serviço com o meu nome atribuído:

Fiscalização reforçada durante campanha sobre riscos de usar telemóvel ao volante
Ação da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária, da GNR e da PSP arranca esta segunda-feira e termina no início da próxima semana. No ano passado, as infrações por usar o telemóvel durante a condução subiram 5,5%.

A operação estendeu-se por todo o país, ao longo daquela semana de outubro, mas a campanha de fiscalização que acompanhei teve lugar na Rotunda da Boavista, no Porto. Sendo um dos centros nevralgicos do trânsito da cidade, veio a revelar-se uma zona interessante para realizar a reportagem. Além da subcomissária da Divisão de Trânsito da Polícia de Segurança Pública do Porto, tive a oportunidade de entrevistar condutores que foram abordados e multados, devido à utilização de telemóvel durante a condução. O que mais me surpreendeu neste serviço

foi a disponibilidade e o à-vontade com que os condutores prestarem declarações, mesmo num momento pouco cómodo como aquele. Uma das maiores dificuldades da entrevista ao estilo *vox-pop*¹⁴ (método a que o Porto Canal recorre com muita frequência) é, precisamente, a de deixar o potencial entrevistado suficientemente à-vontade para vencer o “medo da câmara” e deixar-se entrevistar. Escusado será dizer que, em várias ocasiões, o cidadão mostra-se inflexível e a entrevista cai por terra.

De qualquer modo, acompanhar a campanha de fiscalização, a abordagem dos condutores e, posteriormente, dialogar com eles sobre o sucedido e o valor das multas foi deveras entusiasmante. A peça foi para o ar, nesse mesmo dia, e deixou-me bastante satisfeito com o resultado final.

Mas não posso encerrar este capítulo sem mencionar a reportagem de que mais me orgulhei durante o período de estágio. Das quase 30 peças jornalísticas que foram transmitidas com a minha voz e a minha edição no Porto Canal, aquela cujo resultado final mais me deixou satisfeito data de 23 de novembro de 2022¹⁵, e remete para a Escola Municipal de Futebol de Vila Nova de Gaia.

Este serviço foi-me atribuído já numa fase final do meu estágio, altura em que muitos dos receios e as inquietações da fase inicial já não existiam e o meu à-vontade no terreno já era muito mais evidente. Também as minhas competências de edição, de escrita e de sonorização já tinham passado por diversas fases de aperfeiçoamento e várias “arestas” já tinham sido devidamente limadas, pelo que a minha abordagem a esta reportagem veio a revelar-se muito mais disponível e positiva do que, por exemplo, a reportagem do Dia Nacional da Água.

Sob o lema “Desporto para todos”, a Escola Municipal de Futebol albergava, na altura, cerca de 60 crianças e jovens gaienses, que ali se reuniam, todas as quartas e sextas-feiras, para treinar. A minha reportagem baseou-se no acompanhamento de uma dessas sessões de treino, devidamente articulado com a coordenação da escola e o treinador/responsável técnico, que foi um dos entrevistados da peça. O que mais me entusiasmou foi, realmente, entrevistar as crianças,

¹⁴ Do latim, “*vox-populi*”, ou “a voz do povo”. Consiste em entrevistas rápidas e breves, junto dos cidadãos, relativamente a temas diversos, com impacto relevante na sociedade como um todo e na vida das pessoas. A sua utilização é mais comum em formatos de entretenimento, mas também se aplica em contexto jornalístico, sobretudo em assuntos que possam suscitar debate forte na opinião pública (impostos, salários, greves, corrupção...)

¹⁵ “VN de Gaia quer abrir escola de futebol feminino” <https://portocanal.sapo.pt/noticia/315592>

que se mostraram sempre prestativas e à-vontade perante a câmara. Também tive a oportunidade de ouvir o vereador do Desporto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, José Guilherme Aguiar, que destacou o investimento constante da autarquia na promoção da prática desportiva entre os mais jovens, bem como a intenção do município em abrir uma escola de futebol, dedicada exclusivamente ao público feminino.



FIGURA 10 - Com o microfone do Porto Canal, em reportagem

Embora esta tenha sido a reportagem mais entusiasmante no terreno e a que mais me agradou enquanto produto final, tive a oportunidade de produzir várias outras, com diferentes temas e, também, níveis de dificuldade. Creio que a diversidade de temas e de contextos, sobretudo a nível de terreno e das especificidades de cada serviço, foi o principal fator que me permitiu ganhar destreza para agir, jornalisticamente, em diversas realidades e, na decorrência disso, interagir com diferentes *players* sociais, desde o cidadão comum, aos profissionais de vários ramos e às figuras do poder nacional.

Política, saúde, economia, educação, sociedade, desporto e atualidade internacional foram muitos dos temas que, num curto espaço de tempo, explorei e aprendi a tratar, jornalisticamente, sempre com a supervisão dos seniores e das coordenações. Adotar novas

técnicas de escrita para televisão, aprimorar as *skills* de sonorização e evoluir na capacidade de filtrar a informação e a descartar o que não é essencial foram algumas das principais competências que fui adquirindo, dia após dia, reportagem após reportagem.

Há ainda uma outra avaliação interessante a retirar deste breve apanhado de peças que realizei meu estágio curricular (excetuando a internacional). Ainda que seja curto olhar para um número reduzido de reportagens e extrapolar daí a visão editorial do canal, não deixa de ser interessante perceber os locais onde fui, nas reportagens que dirigi. No caso da peça do Dia Nacional da Água, fomos a Santa Maria da Feira perceber os hábitos de consumo de uma moradora, e perceber junto dos técnicos as tendências na região Norte. No caso da peça das vindimas, de todos os lugares possíveis no país, o destaque foi dado a um dos principais municípios do Norte, no que à produção vitivinícola diz respeito (Monção). A campanha de fiscalização da utilização de telemóvel ao volante decorreu em todo o país, mas, no Porto Canal, foi priorizado o trabalho das autoridades na cidade do Porto. Quanto à reportagem dos jovens futebolistas, foi dado destaque a um projeto financiado pelo município de Vila Nova de Gaia, na Área Metropolitana do Porto.

Embora sejam apenas quatro exemplos, estes já ajudam a levantar, ligeiramente, o véu sobre o tipo de jornalismo que é produzido no Porto Canal e o tipo de territórios que são priorizados pela estação. Consigo dar outros exemplos de reportagens que realizei e que tinham como pano de fundo as preocupações e o quotidiano dos territórios da região Norte, o que ajuda a comprovar que a orientação editorial do Porto Canal faz realmente parte do ADN da estação e é seguida com o máximo respeito por coordenadores e jornalistas.

1.3.4 O FIM...OU TALVEZ NÃO

O estágio curricular como jornalista do Porto Canal consistiu em três meses (88 dias, mais concretamente) de desafios, de muita aprendizagem e de desenvolvimento da capacidade de trabalho num meio que me era desconhecido. Tive a sorte de ter a orientação de excelentes profissionais, que nunca hesitaram em abdicar por uns minutos da frenética rotina que o jornalismo impõe a quem nele trabalha para avaliar as minhas sonorizações, corrigir as edições, rever os meus textos...

Foi, também, uma oportunidade de conhecer melhor um formato jornalístico e mediático – a televisão – sobre o qual nunca tinha feito uma reflexão alargada, no que concerne a um possível futuro profissional. Até ali, a rádio era o meio de comunicação mais apelativo para mim e, no que diz respeito a estágios, só tinha tido uma experiência em rádio, da qual tinha ficado com excelentes impressões.

Estagiar no Porto Canal foi, também, descobrir um bichinho por fazer televisão que não sabia que tinha. Conhecer todo o processo de produção de informação, dos primeiros contactos com as fontes, até às idas ao terreno, às filmagens e entrevistas fez-me olhar de uma perspetiva completamente diferente para um meio que sempre respeitei e consumi com regularidade, mas no qual nunca me imaginaria a trabalhar. Foi, também, enriquecedor e curioso perceber como funcionam os bastidores das emissões televisivas de notícias, a corrida contra o tempo na preparação dos alinhamentos, para que nada falhe na hora em que a emissão está no ar, a coordenação de todos os elementos da régie para que cada detalhe visual e técnico seja cumprido, a favor de uma emissão de qualidade.

Foi, também, uma oportunidade de provar a mim próprio que eu tinha razão, quando, nas primeiras semanas de estágio, dizia que ia acabar contratado como jornalista a tempo inteiro. Foi, precisamente, o que aconteceu. Todas as reportagens, todo o esforço, todo o trabalho, todas as horas de viagem diárias entre casa e canal, todas as noites mal dormidas por conta dos horários rotativos, todos os dias maus, todas as desavenças, todos os contratemplos, todos os momentos felizes, que foram bastantes, tudo valeu a pena. Tudo isto e todas as pessoas que se cruzaram no meu caminho, durante aqueles 88 dias, contribuíram para que, depois do estágio curricular, fosse integrado na equipa do Porto Canal como jornalista profissional. Três meses de desafios e de trabalho que me permitiram tornar-me colega de terreno dos repórteres que estava habituado a ver através do pequeno ecrã. Três meses de aprendizagens e de perseverança que me permitiram deixar de ser apenas uma “voz” anónima para me tornar num rosto do Porto Canal.

Agora que trabalho como jornalista a tempo inteiro, consigo olhar em retrospectiva para o meu próprio estágio e perceber que aqueles 88 dias eram, de facto, apenas os primeiros 88 dias. Aquele miúdo que a 12 de setembro de 2022 entrou pela porta 78 da rua Joaquim Pinto, na Senhora da Hora, carregado de medos e de expectativas, é, hoje, mais de um ano depois, um dos jornalistas da casa.

O grau de exigência de um estágio é deveras elevado, sobretudo se considerarmos a carga laboral equiparada a um profissional, a ausência de remuneração e o investimento pessoal e financeiro que, por vezes, é necessário fazer. Mesmo a nível de trabalho e de dinâmica de redação, o ritmo frenético do dia-a-dia jornalístico é, por vezes, difícil de acompanhar, mesmo que, por regra, a um estagiário nunca sejam atribuídas tarefas de prioridade primordial, a nível de agenda ou de conteúdos para os alinhamentos dos blocos informativos. Os estagiários também não têm permissão legal para entrar em direto nos noticiários ou gravar vivos ou falsos diretos para alinhar nos mesmos, pelo que essa é uma lacuna de estágio que acaba por nunca ser devidamente preenchida, exceto quando um estagiário acompanha um jornalista sénior numa dessas tarefas. Essa competência só é ganha, posteriormente, na eventualidade do estágio se concretizar numa oferta de trabalho.

Quanto ao tema problematizado no presente relatório, desde cedo percebi que a orientação editorial e jornalística do Porto Canal se distanciava, em larga escala, daquilo que é comumente observável nos principais canais generalistas de televisão portuguesa. Não deixa de ser verdade que o facto de a redação do Porto Canal ser mais reduzida, no que diz respeito aos recursos humanos, técnicos e financeiros, também dificulta a viabilidade de uma cobertura generalista nacional e, até, internacional, com correspondentes em vários pontos do globo. Ainda assim, nunca foi essa a pretensão da estação. Mesmo quando o número de delegações era mais significativo, todas se situavam em distritos do Norte do país, à exceção da equipa de Lisboa.

Pareceu-me, por essa razão, adequado transportar esta problemática para o relatório subsequente ao estágio, seguindo o exemplo de outros ex-estagiários que, no passado, exploraram o tema nos respetivos relatórios.

O que dizem os teóricos e académicos da comunicação e do jornalismo acerca do jornalismo de proximidade? De que formas é que esta se manifesta? Que importância assume este tipo de jornalismo, numa era em que todo o tipo de informação nos chega de vários quadrantes? Porque parecemos ignorar com maior facilidade a informação que, na teoria, está mais próxima de nós? Há mais camadas de proximidade para além da aproximação geográfica a um determinado espaço? Que papel têm os *media regionais* neste campo? O Porto Canal é um desses casos? Que tipo de aptidões devem ter os jornalistas que exercem a profissão em órgãos de comunicação social desta natureza? O que os distingue dos “outros” jornalistas? Sem a promessa

de encontrar todas as respostas, estas são algumas das questões que pretendo abordar, ao longo das próximas páginas, recorrendo a algum do trabalho teórico que tem vindo a ser desenvolvido na área, ao longo dos últimos 15 anos.

2

Jornalismo de proximidade: as “estórias” do fundo da rua”

O dicionário *online* português *Priberam* define a proximidade¹⁶ como “a qualidade ou condição do que está próximo”, o “pequeno período de tempo a que está um acontecimento”, a “aproximação social ou afetiva”, ou, ainda, o “lugar próximo”, relacionado o conceito com outros como a “iminência”, a “familiaridade” ou a “intimidade”.

Quando observamos estas definições do que é a proximidade, conseguimos compreender o porquê de esta ser um dos principais critérios de noticiabilidade¹⁷, ou valores-notícia, que são ensinados a qualquer aspirante a jornalista. No meio do turbilhão de acontecimentos que ocorrem, todos os dias, a proximidade é um dos diferentes critérios que auxiliam os jornalistas a filtrar a informação e a definir aquilo que é, ou não, noticiável.

Assim, neste capítulo, pretende-se olhar para o modo como a proximidade funciona enquanto valor-notícia e, além disso, pretende-se entender o modo como esta guia as dinâmicas informativas e o trabalho dos jornalistas dos órgãos de comunicação social de âmbito regional,

¹⁶ <https://dicionario.priberam.org/proximidade>

¹⁷ Nelson Traquina define a noticiabilidade como “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (Traquina, 2005, p. 63).

com evidente destaque para o Porto Canal. A reflexão das próximas páginas tem como base o trabalho teórico desenvolvido por vários autores, investigadores e académicos, no âmbito do jornalismo e da comunicação.

2.1 A NOÇÃO DE PROXIMIDADE À LUZ DO JORNALISMO

A proximidade é uma das características de maior relevo no jornalismo. Ahva e Pantti definem a proximidade como “uma construção teórica complexa para explicar a seleção, formação e apresentação de notícias e, ao mesmo tempo, prever e explicar as expectativas e interpretações do público sobre o jornalismo” (Ahva & Pantti, 2014, p. 1).

As duas autoras levaram a cabo um estudo bastante interessante, que incide sobre o impacto dos “vídeos amadores” e das fotografias que as pessoas fazem chegar às redações por iniciativa própria, no fortalecimento dos laços de proximidade entre os jornalistas e a comunidade, que acaba a surgir, através desses conteúdos, como participante na construção dos noticiários.

Como ponto de partida para a investigação, Ahva e Pantti (2014, pp. 2-4) expõem a proximidade em cinco vertentes diferentes: 1) a proximidade como valor-notícia, isto é, como critério de distinção entre o que é ou não notícia; 2) como uma prática de trabalho, ou seja, nas relações entre os jornalistas, os acontecimentos e as fontes; 3) como forma de apresentação, isto é, como um vetor de construção narrativa de uma notícia, de modo a que esta confronte o leitor/espectador com uma maior familiaridade; 4) como forma de interpretação, em grande escala relacionado com o ponto anterior, remetendo para o modo como a audiência interpreta o texto noticioso; e 5) a proximidade como estratégia, que interliga os quatro conceitos anteriores, e definem o trabalho do jornalista, enquanto alguém que produz conteúdos para informar uma audiência.

Em suma, deparamo-nos uma visão dicotómica daquilo que é a proximidade representa. Enquanto vetor de orientação da prática jornalística, “é um valor, um procedimento, uma linguagem (destinada a dar uma impressão de proximidade) e, cada vez mais, uma estratégia destinada a gerir as relações com os públicos” (Ahva & Pantti, 2014, p. 1).

Posto isto, além da importância da proximidade em si mesma e como via orientadora da produção jornalística de qualidade, torna-se legítimo e, até, pertinente abrir-se aqui uma janela comercial para interpretar este conceito, uma vez que “a proximidade tem condicionado, condiciona e condicionará o interesse pela informação” (Lopez Garcia *in* Jerónimo, 2017, p. 119). Se transportarmos esta ideia de Xosé Lopez Garcia para o nosso quotidiano, enquanto consumidores de informação, conseguimos entender o que o professor e investigador galego quer dizer.

Nos anos 80, Walter Benjamin lembrava que “a informação só tem valor no momento em que é nova” (Benjamin, 1985, p. 204). Hoje em dia, creio que não será improprio argumentar que, numa era em que a Humanidade está constantemente com pressa e a informação chega de múltiplas formas, alicerçada pela prevalência cada mais banalizada dos meios e dispositivos de acesso à mesma, a informação só tem valor quando é “nova”, como referia Benjamin, mas também quando nos é “próxima” de alguma forma.

Quantas vezes não acontece estarmos a ver o noticiário na televisão, a ouvir as notícias no rádio do carro, ou a ler na diagonal as páginas de um jornal e vemos a nossa atenção e o nosso foco serem automaticamente convocados para uma notícia ou um relato que envolva o nosso distrito, a nossa cidade, a nossa vila ou – e aqui instaura-se um misto momentâneo de êxtase com apreensão – a nossa localidade? Acredito que boa parte de nós para o que está a fazer quando ouve, vê ou lê sobre um acidente de viação, um homicídio, um assalto, um grande prémio da lotaria – não têm necessariamente que ser tragédias – quando este acontecimento tem lugar na nossa aldeia ou mesmo numa aldeia vizinha. A probabilidade de conhecermos, ou de termos laços diretos com os protagonistas ou de frequentarmos os espaços retratados na notícia é, factualmente e significativamente, maior do que se o mesmo episódio se passasse na outra ponta do país.

Não é por acaso que a proximidade é, a par de outros como a relevância, a novidade, a notabilidade ou o inesperado, um dos principais critérios de noticiabilidade, ou valores-notícia (Traquina, 2005, pp. 77-93). Amaral traça uma analogia muito interessante e diz que o jornalismo se assemelha “a canais de irrigação por onde deve circular a livre opinião pública – essa entidade difusa, mas poderosa – e para garantir que os seus interesses sejam reconhecidos e satisfeitos. Esse é o fator de maior questionamento em redor do que, nas decisões do dia-a-dia de cada

jornalista ou diretor de jornal, se transforma em notícia e com que protagonistas” (Amaral in Correia, 2012, p. 5). Carlos Camponez segue a mesma linha e afirma que “como elemento caracterizante do que é notícia, a proximidade é vista como um dos valores centrais do jornalismo, determinante do interesse do público pelas notícias” (Camponez in Correia, 2012, p. 35).

Entre as várias dezenas de notícias e de peças jornalísticas que compõem um noticiário tradicional de um canal generalista, eu, enquanto habitante do distrito de Braga e do concelho de Barcelos, tendo a ver com uma atenção redobrada uma reportagem que tenha esta região como pano de fundo, seja quais forem os motivos. Já quando estou a folhear o jornal municipal, fico certamente mais tempo a ler a página onde consta o nome da minha localidade, em detrimento das outras ou da própria sede de concelho.

Lopez García reforça esta ideia de que “aquilo que nos afeta muito diretamente alimenta a nossa curiosidade por conhecer, por dispor de mensagens que nos ofereçam não só informação, senão contexto e possíveis consequências que nos dotem de conhecimento para entender as dinâmicas da vida diária e para que possamos atuar com critério próprio” (Lopez Garcia in Jerónimo, 2017, p. 119). Não significará isto, creio, que as informações provenientes de pontos geográficos mais distanciados ou periféricos não tenham qualquer tipo de impacto sobre o espectador comum, mas é inegável que “a proximidade assume um significado próprio, marcante da sua especificidade e da sua identidade” (Camponez in Correia, 2012, p. 36) e, por isso, somos por ela tão influenciados.

Por exemplo, à data em que redijo o presente relatório, é notícia, em praticamente todos os órgãos de comunicação social – Porto Canal incluído – um sismo de magnitude 6.9 na escala de Richter, que deixou um rasto de destruição e milhares de vítimas e desalojados, na região de Marraquexe, em Marrocos.

O Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS) estima que “ocorrem 500 mil sismos detetáveis todos os anos, 100 mil dos quais podem ser sentidos e 100 dos quais podem causar danos”. Ora, enquanto que há dezenas de milhares de fenómenos desta natureza que apenas são detetáveis via sismógrafo – e, portanto, nada mais representam do que isso – já um sismo da dimensão do que ocorreu em Marrocos é notícia, uma vez que reúne em si quase todos os critérios de noticiabilidade de que nos fala Traquina, nas *Teorias do Jornalismo* (2005): o inesperado, como qualquer sismo de grande intensidade; a notoriedade, pela dimensão dos estragos e do

número crescente de vítimas; a relevância, também pela dimensão e pelo desencadear das operações de resgate e salvamento; ou a notabilidade, pelas consequências sociais e económicas que acarreta, bem como pelas reações e sinergias institucionais e diplomáticas que se seguem.

No caso deste sismo de Marrocos – e isto ficou bem patente na cobertura que lhe foi dada pela comunicação social portuguesa – a proximidade também desempenha, aqui, um papel fulcral no protagonismo que é dado ao fenómeno. A proximidade geográfica de Marrocos a Portugal acionou, de imediato, os radares mediáticos de um modo muito substantivo. Enviaram-se equipas jornalísticas para o local, procurou-se o contacto com portugueses no “olho do furacão”, analisou-se o impacto sentido em Portugal, entrevistaram-se sismólogos, geólogos e demais especialistas para elencar as particularidades e consequências do fenómeno sísmico, recordaram-se eventos semelhantes no nosso território e conjecturaram-se possíveis repetições.

Apesar do exemplo acima exposto não ser o mais adequado, Coelho sublinha que “os meios de comunicação social promovem espaços públicos de diferentes dimensões; todavia, o potencial comunicativo, intermediado pelos meios de comunicação social, que está na base da estruturação do espaço público, enquanto modelo de ação comunicativa, alimentada pela troca racional de argumentos entre os diversos membros que o integram, tem especial expressão nas comunidades de proximidade” (Coelho, 2016, p. 92).

2.2 A PROXIMIDADE COMO BANDEIRA DOS *MEDIA* REGIONAIS

Estamos cada vez mais conectados uns aos outros e ao mundo que nos rodeia. Saber o que se passa do outro lado do globo é cada vez mais fácil e não faltam meios e dispositivos que nos permitam obter informações ou estabelecer contactos praticamente instantâneos com qualquer parte do globo, de forma relativamente intuitiva (Jerónimo, 2015, p. 18). Ainda assim, Labella acredita que “a mundialização da economia, dos transportes ou da informação não abalou o desejo de reafirmação como parte de uma comunidade, mais ou menos reduzida, ou o orgulho de pertença a um país, uma região ou, até mesmo, uma cidade” (Labella *in* Correia, 2012, p. 90). Lopez Garcia acrescenta que “enquanto avança a globalização ou se multiplicam as redes que facilitam a intercomunicação em tempo real, o valor social da informação de proximidade também aumenta” (Lopez Garcia, 2002, p. 200).

Fernandes acredita que os órgãos de comunicação social com uma vertente mais territorializada e regionalista “procuraram ocupar um espaço de informação televisiva que, aparentemente, se encontrava por explorar em Portugal, apesar das estações televisivas generalistas apresentarem programas informativos voltados para as regiões e disporem de correspondentes e delegações nos diferentes distritos” (Fernandes *in* Jerónimo, 2017, p. 87). O Porto Canal, nascido em 2006, e que é objeto deste relatório, foi um dos exemplos, ainda que, nos dias de hoje, apenas disponha de delegações nos distritos de Braga, Vila Real e Lisboa. “A criação de redes de distribuição por cabo abre igualmente espaço para as televisões de âmbito regional. (...) O Porto Canal apresentou no início uma emissão dedicada em exclusivo ao grande Porto, mas o seu perfil foi sendo alterado para abranger outras zonas territoriais do centro e norte de Portugal” (Fernandes *in* Jerónimo, 2017, p. 91).

Enquanto que as grandes empresas mediáticas e os grandes órgãos de comunicação social generalistas estão, por norma, concentrados nos grandes acontecimentos, nos incidentes mais volumosos e nas palavras dos grandes protagonistas, estrategas e decisores da sociedade, há toda uma panóplia de histórias aqui ao lado que ficam por descobrir e acabam involuntária e ingloriamente ofuscadas pela força de tudo o resto.

Isto pode ter mais consequências do que aparenta. Rebelo e Teixeira referem que “os *media* locais são espaços de convergência que permitem incorporar interesses, valores, identidades e até anseios de afirmação” e que “a sua ausência torna difícil a gestão do conhecimento que a própria comunidade deve ter de si e, por consequência, o desconhecimento, a falta de integração e até um certo desenraizamento condicionam o aparecimento de fragilidades gritantes” (Rebelo e Teixeira, 2014, p.6).

Por outro lado, García de Torres explica que “o crescimento dos órgãos de informação local na rede garante maior transparência e a satisfação das necessidades informativas de nichos locais muito concretos” (García de Torres, 2017, p. 190). Seria manifestamente injusto apontar o dedo aos principais órgãos de comunicação social portugueses por não serem capazes de cobrir todos os acontecimentos de cada rua ou aldeia do país. Não só é logisticamente impossível como acabaria por originar noticiários intermináveis. Jerónimo sublinha que “para que tal fosse possível seriam necessárias redes de jornalistas e de distribuição que chegassem a todo o território” (Jerónimo, 2015, p. 117), algo que, defende o autor, só a Agência Lusa é capaz de cumprir com

plena eficácia. Mesmo assim, seria, de igual modo, incorreto dizer que esses mesmos órgãos de comunicação ignoram, na totalidade, os problemas e as incongruências das regiões e não dão, de todo, voz aos intervenientes das mesmas ou não desenterram essas pequenas estórias escondidas nos vários nichos, porque também não é verdade.

O facto é que não há tempo nem logística que permita cobrir tudo, ainda que se vão cobrindo, efetivamente, os temas mais relevantes. Coelho refere que “a lógica que perpassa a essência do jornalismo de proximidade, e dos próprios meios de comunicação social de proximidade, é essa, a de tornar visíveis territórios que os grandes meios marginalizam e onde só investem quando um elemento disruptivo perturba o quotidiano” (Coelho, 2016, p. 95).

E é aqui que entram os *media* regionais. Não só para colmatar essas lacunas, como também para oferecer a abordagem e o enfoque de proximidade que, muitas vezes, os principais órgãos de comunicação não conseguem oferecer. É aí que reside o trunfo e a pertinência do jornalismo de âmbito regional, “desde logo por cumprir um papel que dificilmente consegue qualquer outro título de âmbito nacional: a cobertura noticiosa daquilo que está mais próximo das populações” (Jerónimo, 2015, p. 117). Há quem vá mais longe e garanta que “uma mudança de paradigma comunicacional está em curso, deixando de apostar num poder unilateral de determinação dos média. Estes passam a atentar ao facto de que é importante manter uma estrutura básica de diálogo com o público, sob pena de perder a sua própria legitimidade” (Rebelo e Lindemann, 2017, p. 148)

Camponez salienta, precisamente, que “o jornalismo regional e local explora franjas de mercado deixadas livres pelos restantes *media*” (Camponez *in* Jerónimo, 2017, p. 15). Alguns anos antes de realçar esta ideia, o investigador já salientava as principais características distintivas dos *media* regionais, nos quais “intervêm critérios como o espaço geográfico de implantação do projeto editorial; o lugar de apreensão, recolha e produção dos acontecimentos noticiados; o espaço privilegiado de difusão da informação; o tipo de conteúdos partilhados e de informação disponibilizada; enfim, a definição dos públicos” (Camponez *in* Correia, 2012, p. 37).

Perde-se, nesse contexto, um centro ‘centralismo’ da agenda mediática e abrem-se as portas a estórias e atores mais discretos, regionalizados, discretos e que passam despercebidos da grande esfera informativa. Ao mesmo tempo, “fica evidente a responsabilidade e apetência dos indivíduos, grupos, localidade e espaços motivadores pelo desejo de referências e enraizamento e

também pelo interesse da expressão; assim, diferentes tópicos abrem um novo espaço para que a alternativa tenha lugar e tenha voz, num legítimo direito de se expressar sem a prepotência dos grandes centros” (Rebelo e Lindemann, 2017, p. 150).

Lopez Garcia lembra, a propósito, que não é apenas na proximidade geográfica que assenta a grande bandeira dos órgãos de comunicação regionais, e que, em vez disso, “ao sentido fundamentalmente geográfico do local, que tem primado na maioria das concepções anteriores, é necessário acrescentar, hoje em dia, a componente afetiva, sentimental, psicológica e cultural” (Lopez Garcia *in* Jerónimo, 2017, p. 122). A própria “ideia clássica de região é muito mais do que um espaço físico comumente assinalado como a dimensão imediatamente inferior ao Estado-Nação” (Coelho, 2016, p. 92). É, por isso, necessário abraçar a proximidade em todos os quadrantes possíveis, desde a linha editorial do órgão de comunicação social ao modo de trabalhar dos jornalistas, bem como à definição das prioridades de agenda, daquilo que deve ou não ser prioritário no bolo informativo do *médium*. Por isto, e também graças a isto, “um *medium* regional conhece o público melhor que os jornais de atuação nacional e internacional e tem a possibilidade de personalizar os conteúdos para atender as demandas do público com maior precisão” (Ramos e Grupillo, 2016, p. 35).

A propósito desta ideia, Camponez reflete o seguinte.

”nas regiões do interior, onde o mercado dos leitores e da publicidade é escasso, ou mesmo nas áreas metropolitanas, onde a concorrência dos grandes *media* se faz sentir com particular força, a ideia do hiperlocal não pode estar sustentada apenas numa lógica de esquadrinhamento do território, tendo por base a tecnologia, normalmente acessível aos grupos de *media* de maior dimensão. Ao fazê-lo, a imprensa regional e local tende a ficar refém das sobras dos *media* de maior dimensão, com quem nunca terão capacidade de concorrer, se partirem dos mesmos pressupostos.” (Camponez *in* Jerónimo, 2017, p. 18).

Em vez disso, o investigador propõe que “a alternativa é dar uma dimensão comunicacional e normativa ao hiperlocal, distinta, integrando modelos de negócio consentâneos com a própria vida das comunidades, juntando modelos editoriais de proximidade empenhados, local e regionalmente, com economias e estruturas também de proximidade” (Camponez *in* Jerónimo, 2017, p. 18). Neste sentido, assume-se que “a região onde determinado meio se insere

marca, assim, todo o seu funcionamento – desde a escolha das temáticas a abordar, o enfoque que é dado e, conseqüentemente, a mensagem transmitida” (Melo e Silva, 2016, p. 86).

No fundo, estas reflexões acabam por remeter aos valores-notícia, ou critérios de noticiabilidade, que Nelson Traquina dissecou nas *Teorias do Jornalismo* e que listei anteriormente. O investigador norte-americano exemplifica que “um acidente de viação com duas vítimas mortais em Cascais poderá ser notícia num jornal de Lisboa, e possivelmente, mas com maior dificuldade, num jornal do Porto, mas dificilmente num país estrangeiro” (Traquina, 2005, p. 80). Um choque em cadeia que leve ao corte do trânsito na Segunda Circular de Lisboa será notícia na RTP, na SIC e na TVI, mas dificilmente sê-lo-á no Diário do Minho, no Barcelos Popular ou, até mesmo, no Porto Canal - a menos que seja um acidente diferente dos que ocorrem todos os dias, em que haja uma alta figura do Estado envolvida, por exemplo. Já se o mesmo acidente ocorrer na Via de Cintura Interna ou na Avenida AEP, no Grande Porto, é bastante provável que o episódio seja abertura de noticiário no Porto Canal, com reportagem em direto no local.

Em sentido inverso, se o tema forem as eleições presidenciais, legislativas ou autárquicas, já se espera que toda a *media* dê o devido destaque – no caso das autárquicas, cada órgão colocará o enfoque no(s) município(s) envolvente(s). Isto porque as eleições, embora tenham um âmbito nacional muito forte, afetam, diretamente, cada região, cada comunidade intermunicipal, cada aldeia e cada português, e delas surgirão decisões políticas e de governação com impactos diretos em todos estes quadrantes.

Seguimos, aqui, a linha de pensamento de Melo e Silva, de que “o território aparece em primeiro lugar, e se a notícia se refere a algo que ultrapassa esse espaço, é analisado o impacto local que a mesma poderá ter” (Melo e Silva, 2016, p. 86). Labella diz que “o fenómeno globalizador serviu, ao mesmo tempo, para que se produzisse um reforço das identidades locais. Talvez tenha sido por medo do seu desaparecimento. Ou então, o risco de se sentirem arrastadas pela corrente mundial, sem umas raízes onde se agarrar” (Labella *in* Correia, 2012, p. 90).

Acredito que os *media* regionais vêm assumir um papel importante nessa missão de sustentar e fortalecer as “raízes” de que fala Labella. Ainda assim, Coelho refere que o êxito de um jornal, uma rádio ou de uma televisão com cariz editorial de proximidade “justifica o investimento do Estado”, uma vez que, além de desempenharem o respetivo papel de órgãos de comunicação social, surgem, “como um agente diretamente implicado no processo de

desenvolvimento regional” (Coelho, 2007, p. 59). O jornalista português defende que “sem esse esforço do Estado, as regiões pobres, ou em vias de desenvolvimento, onde o mercado é frágil e a sociedade civil não dispõe de uma massa crítica que promova a interação dos seus membros de forma a que, em conjunto, se apliquem no processo de desenvolvimento da comunidade, ficariam excluídas do espaço de comunicação, e assim desta fundamental alavanca social de desenvolvimento” (Coelho, 2007, p. 59). No entanto, esta intervenção estatal acarreta algumas contrapartidas, sobretudo no que diz respeito ao “risco de o projeto se tornar excessivamente dependente do poder político, permitindo o controle dos conteúdos de uma forma que poderá ameaçar o cumprimento da sua função social” (Coelho, 2007, p. 59).

Lopez Garcia lembra - retomando aquela ideia das raízes - que “quando falamos de comunicação e de cultura e de que a comunicação também é cultura, também não podemos esquecer que toda a comunicação é identitária” (Lopez Garcia, 2017, p. 130). Exemplificando com o caso específico do órgão de comunicação social central deste estudo, “o Porto Canal, no cenário televisivo, pretende dar resposta a alguns imperativos de interesse local e também de projeção de particularismos e singularidades da região” (Rebelo & Lindemann, 2017, p. 147).

Por tudo isso, espera-se que “estas novas estratégias dos meios de comunicação locais deverão basear-se na informação de proximidade que favorece a participação do cidadão e ser uma via face à uniformização da oferta informativa” (Lopez Garcia, 2002, p. 203), já que “é ao jornalismo local que cabe contar o que se passa ao fundo da nossa rua, noticiando as festas populares da nossa aldeia e acompanhando a atualidade do nosso património, numa lógica de nos colocar a par daquilo que acontece nas nossas proximidades e que, por isso, nos é próximo e diz diretamente respeito” (Carvalho, 2016, p. 16). No fundo, “trata-se de criar uma narrativa local, que assuma o retrato da comunidade como protagonista onde cada meio tem a sua própria gramática e informa a realidade de modo peculiar” (Rebelo & Lindemann, 2017, p. 150).

2.3 O JORNALISTA COMO ELO DE PROXIMIDADE

Nelson Traquina afirma que, “ao longo da história, os jornalistas desenvolveram uma maneira própria de falar, isto é, uma linguagem – o jornalês” (2005, p. 46). Qualquer estudante de Ciências da Comunicação, ou de Jornalismo, é, desde cedo, confrontado com as características

gerais do discurso jornalístico e as regras pelas quais este se deve reger. Traquina explica que “os jornalistas precisam de comunicar através das fronteiras de classe, étnicas e políticas e sociais existentes numa sociedade” e que, além disso, “o discurso jornalístico é um discurso que deve provocar o desejo de ser lido/ouvido/visto” (Traquina, 2005, p. 46). Olhando para os mandamentos deste discurso – os tais que nos são ensinados nos primeiros dias de licenciatura, e que devem imperar na boa escrita jornalística - Traquina esclarece que “a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar palavras polissilábicas); uma sintaxe direta e económica; e) a concisão; e f) a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto” (Traquina, 2005, p. 46).

Ao longo do meu período de estágio, fui percebendo que, na escrita jornalística para televisão, todas estas regras se aplicam, ainda que o jornalismo televisivo tenha as suas próprias especificidades, já que depende muito mais da imagem e do visual do que a imprensa ou a rádio. Mesmo a nível narrativo podem ocorrer certas diferenças, com Traquina a explicar que “o jornalismo é geralmente forçado a um formato específico na imprensa: a pirâmide invertida”, enquanto que, “nas reportagens televisivas, as ‘estórias’ têm um princípio, um meio e um fim” (Traquina, 2005, p. 47). Seja como for, “o formato jornalístico impõe uma estrutura nos acontecimentos” (Traquina, 2005, p. 47).

Luiz Izquierdo Labella lembra que “todas essas circunstâncias fazem do jornalista uma pessoa que deve ter um elevado nível de informação para depois poder informar. Um elevado nível de conhecimento de numerosos assuntos antes de poder explicar os contextos e as palavras-chave. No fundo, uma preparação ampla com a qual pode conjugar aquela que deve ser a sua principal capacidade: transmitir as notícias de forma clara e objetiva, para uma compreensão completa por parte das audiências.” – (Labella *in* Correia, 2012, p. 95).

O texto jornalístico é inútil se a audiência não o compreende de imediato. Mais do que dar as notícias, o jornalista deve simplifica-las. Em derradeira instância, pode supor-se que um jornalista que não aposte, em qualquer circunstância, numa escrita clara e evidente para o público, não é um bom profissional, e estará mais preocupado em cultivar uma imagem de superioridade intelectual sobre si mesmo do que propriamente em cumprir com nobre missão jornalística que é informar.

Outra particularidade que o jornalismo de proximidade acarreta são as especificidades territoriais de cada região, como o sotaque, as tradições ou os costumes. Em *Porto, Literacia e Identidade Local*, Rebelo e Lindemann introduziram o conceito de “português” para descrever o modo típico de falar do Grande Porto e o modo como este é aproveitado pelo Porto Canal, na medida em que “a afetação ao Porto e a vinculação ao “português” são destacáveis no conjunto da programação vista, e isso acaba por ajudar a construir um projeto mais genuíno, “tripeiro” e dinâmico dando visibilidade aos temas associados à cidade e vizinhança” (Rebelo & Lindemann, 2017, pp. 150-151).

As autoras apontam, inclusive, o Porto Canal como um exemplo de sucesso na promoção deste modo de falar, na medida em que a estação “cumprir a importante função de partilha e comunhão com a cidade e suas vicissitudes, que bem dirigidas podem estimular o sentido de participação mobilizadora da cidadania e o uso dos meios locais para desenvolver a literacia da e sobre a cidade” (Rebelo e Lindemann, 2017, pp. 150-151).

Coelho refere que “a estas televisões de proximidade, e ao jornalismo de proximidade nelas praticado, devem servir de orientação os princípios básicos do discurso jornalístico, nomeadamente a obrigação de dar voz a todos os implicados no acontecimento, o que supõe, a integração das opiniões marginais e de conflito”. (Coelho, 2007, p. 58).

Quer isto dizer que, mesmo que o órgão de comunicação social assumira uma abordagem mais regionalizada e, dessa forma, mais voltado para um território específico, o dito órgão não pode abrir mão das mais básicas do jornalismo, como os valores-notícia ou o princípio do contraditório, mesmo que tal possa “manchar” a imagem do território, em prismas geográficos e sociais mais alargados. O autor acrescenta, precisamente, que “a formação específica que se reclama para este jornalismo advém, igualmente, da necessidade de os seus profissionais estarem simultaneamente envolvidos na vontade comum de fazer progredir a comunidade, mas sem perderem o distanciamento crítico que os coloca no papel de mediadores do espaço público e os transforma em agentes formadores de uma opinião pública crítica e esclarecida que seja, por isso mesmo, vinculativa da vontade geral.” (Coelho, 2007, p. 58)

Durante o estágio no Porto Canal, fui percebendo que, para além deste “distanciamento crítico” de que fala Coelho, o jornalismo de proximidade acarreta, até, uma responsabilidade ainda mais significativa de escrutínio das entidades e estruturas de poder regional e local, por serem

aquelas que estão mais próximas dos cidadãos. Qualquer acontecimento menos abonatório a envolver uma entidade, instituição ou figura de relevo, no prisma regional, é frequentemente escrutinado, em busca de uma confirmação ou desmentido juntos do(s) visado(s), sendo o silêncio, caso exista, salientado com o devido destaque.

Uma das principais críticas apontadas por Coelho ao sistema de ensino da comunicação e de jornalismo, e que eu mesmo senti na licenciatura e no mestrado, é a pouca expressão que a proximidade parece, ainda, assumir nesse campo. De facto, conhece-se a proximidade como um dos critérios de noticiabilidade mais proeminentes do jornalismo, mas há um parco aprofundar da proximidade em todas as suas vertentes. Nas instituições, não se dedica o devido tempo a preparar os futuros jornalistas para as especificidades que o jornalismo de proximidade traz ao de cima. O autor argumenta que “existindo uma rede de escolas descentralizada, com a oferta na área a cobrir diversas comunidades de proximidade no interior norte e centro e no litoral centro, a escassa representatividade do campo específico da proximidade ainda menos se compreende, sobretudo num cenário dominado pela crescente precariedade laboral e pelos fortes sinais de excesso de oferta que emergem na comunicação social nacional” (Coelho, 2016, p. 91).

Além do mais, a proximidade invoca outros conceitos centrais da prática jornalística, intimamente ligados à ética e à deontologia da comunicação, áreas que têm o seu próprio espaço nos programas curriculares dos cursos superiores de comunicação e jornalismo. Como lembra Camponez, “o jornalismo de proximidade surge intimamente ligado a questões epistemológicas e éticas, que não é possível iludir, relacionadas, nomeadamente, com o estatuto da verdade e da objetividade no jornalismo, com a importância da proximidade como uma forma diferente de olhar o mundo, ou com a função social das notícias” (Camponez, 2012, p. 44).

A propósito da própria prestação dos futuros jornalistas, que venham a integrar um órgão de comunicação social que trabalhe com base na proximidade, Coelho alerta que “a integração da proximidade nos planos de formação de primeiro ciclo dos cursos da área de jornalismo-comunicação, justifica-se, também pela necessidade de dotar o jornalista, que atua profissionalmente fora dos grandes centros, dos instrumentos que lhe permitam ultrapassar os constrangimentos associados às comunidades de proximidade” (Coelho, 2016, p 93).

Uma vez que “o futuro das comunidades de proximidade depende, cada vez mais, da capacidade que elas demonstrarem para se tornar distintas, atraindo e conservando massa crítica

que absorva um pensamento eclético que promova o crescimento desses lugares de identidade comum” (Coelho, 2016, p. 104), Coelho afirma que “os meios de comunicação social revelam-se, neste contexto, instrumentos decisivos para atingir esse desiderato”. Para que essa missão seja bem-sucedida, é necessário ter na linha da frente profissionais que conheçam tão bem as normas e as leis do jornalismo como as realidades locais e regionais onde se inserem.

Por isso, “formar profissionais que colaborem na reconstrução do jornalismo de proximidade, assumindo-o motor da comunicação, é uma missão que a academia não pode, nem deverá continuar a dispensar” (Coelho, 2016, p. 104).

3

Porto Canal: um exemplo de jornalismo de proximidade?

Embora já tenha sido possível compreender, até aqui, que o Porto Canal valoriza a proximidade no jornalismo que pratica e na informação que transmite aos seus públicos - utilizando-a, até, como um trunfo de distinção entre a concorrência e como uma via de aprofundar a sua própria orientação regionalista e de descentralização - importa analisar, mais a fundo, o nível prático a que estas ideias se aplicam e de que modos é que estas se aplicam. Filtrar a informação e a descartar o que não é essencial foram algumas das principais competências que fui adquirindo, dia após dia, reportagem após reportagem.

Neste capítulo, proceder-se-á a uma análise de um mês de alinhamentos informativos de um noticiário do Porto Canal, com o propósito de compreender se a proximidade e o regionalismo defendidos pelo Porto Canal são características realmente espelhadas nas emissões jornalísticas. À boleia disto, pretende-se, de igual modo, perceber que tipo de zonas geográficas e conteúdos são priorizados na cobertura jornalística da redação; se há zonas da região Norte que são mediaticamente favorecidas em detrimento de outras: bem como se a proximidade social e afetiva se aplica de forma sólida, mediante o tipo de temáticas abordadas (à luz daquelas quatro linhas orientadoras que apresentei nas páginas 23 a 25).

3.1 NOÇÕES-CHAVE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO PORTO CANAL

Antes de proceder à apresentação da metodologia e dos objetivos e à análise prática e dos respetivos resultados obtidos, importa compreender, com maior detalhe, alguns dos principais conceitos e termos técnicos associados à produção noticiosa do Porto Canal.

3.1.1 OS NOTICIÁRIOS

A informação tem assumido um papel cada vez mais preponderante na grelha do Porto Canal. A estação preza uma “programação de qualidade, diversificada e coerente”¹⁸, da qual a informação generalista tem feito parte de forma cada vez expressiva, ao longo do dia.

O Porto Canal dispõe de quatro blocos informativos principais: a Manhã Informativa, das 8h00 às 10h00; a 2ª Manhã Informativa; das 12h00 às 13h00; a Tarde Informativa, das 18h30 às 19h40; e a Noite Informativa, das 21h30 às 23h00¹⁹. Aos fins-de-semana, excepcionalmente, apenas são emitidas a Tarde Informativa, entre as 18h30 e as 19h00, e a Noite Informativa, entre as 21h30 e as 22h30.

Ao longo do dia, há ainda lugar para os espaços “Mais Info”, com cerca de cinco minutos de duração cada, e que resumem, de forma sintética, as principais notícias do dia, num formato rápido e dinâmico. Estes mini-espacos de informação são transmitidos às 10h00, às 11h00, às 14h30, 15h30, 16h30 e 17h30.

Desta forma, a redação Porto Canal garante que o telespectador tem acesso às principais informações e aos maiores acontecimentos do dia, a todas as horas, entre as 8 e as 23 horas, sem prejudicar e sem ser prejudicado pela informação e pelos conteúdos diretamente relacionados com o Futebol Clube do Porto, que também ocupam um espaço de relevo na grelha.

¹⁸ https://portocanal.sapo.pt/estatuto_editorial

¹⁹ Estes são os horários de referência das transmissões, de segunda a sexta-feira. No entanto, a posição de acionista maioritário ocupada pelo Futebol Clube do Porto exige, não raras vezes, alguma volatilidade no que concerne à restante grelha de programas, com a informação a não ser exceção neste registo, devido à larga prevalência de modalidades com o símbolo do clube. Significa isto que, com alguma frequência, as emissões noticiosas são, por força das transmissões desportivas, mais curtas ou transmitidas em horários. Em certos casos, os noticiários nem chegam a ser sequer emitidos.

3.1.2 O ALINHAMENTO

O alinhamento da informação é a base de qualquer emissão noticiosa, seja no Porto Canal, seja em qualquer outro canal de televisão. O alinhamento consiste na ordenação de todos os conteúdos e notícias que foram produzidos pelos jornalistas, nas horas antecedentes a um espaço informativo.

Cabe ao coordenador de emissão, através da plataforma *Dalet Galaxy* (apresentada no primeiro capítulo), tomar todas as decisões relativamente à composição temática e à coerência informativa do noticiário, sempre em articulação com o *pivot* que irá apresentá-lo. O alinhamento começa a ser construído algumas horas antes da emissão, para dar tempo ao coordenador de emissão de selecionar as melhores sequências temáticas e, também, para permitir uma margem de alteração repentina, para a eventualidade de surgir uma notícia de última hora que obrigue a mobilizar equipas para o terreno, abrir mais linhas de direto e, por conseguinte, realinhar todo o noticiário.

Tendencialmente, as notícias do dia ou dedicadas à região Norte são prioridades no alinhamento, pelo que são alinhadas nos primeiros minutos do noticiário, em detrimento de outras secções, como o desporto, o nacional ou o internacional. Todos os noticiários abrem sempre com uma síntese de duas ou três notícias breves (geralmente, as mais impactantes), que servem de ponto de partida para o arranque da emissão. Por norma, um alinhamento de um noticiário é composto por “offs”, “th’s”, peças, diretos, falsos diretos, entrevistas (presenciais ou por via remota) e espaços de comentário. Os noticiários de maior duração costumam contemplar todos estes elementos, mas é comum que nem sempre todos constem de um mesmo espaço noticioso.

3.1.3 O “OFF”

Os “offs” consistem em notícias breves, lidas pelo pivot em vários momentos do noticiário, acompanhadas por blocos de imagens relacionadas com o tema em questão. Geralmente, não ultrapassam os 40 ou 45 segundos de duração e resumem um acontecimento/evento/episódio à informação mais imprescindível, que constitui a *hard news*.

Por exemplo, numa notícia relacionada com uma greve de professores, os blocos de imagem devem contemplar imagens de escolas, aulas, manifestações de professores, entre outras

imagens que se relacionem de forma clara com o conteúdo da notícia, de modo a evitar incoerências visuais e narrativas. Já quando a notícia visa uma empresa ou uma instituição, é aconselhável construir um bloco de imagens com a fachada do edifício, planos do logótipo, elementos facilmente identificáveis da administração...). Caso a notícia seja sobre uma entidade específica, como por exemplo, o aniversário do Presidente da República, o bloco de imagem deverá conter excertos do Presidente da República em diferentes contextos (a caminhar, a falar aos jornalistas, em reunião, planos aproximados ao rosto e ao olhar...). Por outro lado, quando existe uma notícia para ser dada em “off” sobre uma figura com menor mediatismo e da qual não existam imagens de arquivo, podem ser utilizadas fotografias com um efeito visual de aproximação, embora esta seja apenas uma solução de último recurso, já que é, visualmente e esteticamente, menos interessante que o recurso a clipes de vídeo.

Os “offs” costumam ser mais predominantes nos noticiários matinais, já que constituem a forma mais imediata de dar a informação da notícia, o mais cedo possível. Por norma, em temas mais apetecíveis, jornalisticamente, os “offs” acabam a ser desenvolvidos ao longo das horas seguintes, podendo suscitar uma peça completa ou, até mesmo, o convite a um especialista ou comentador para comparecer na emissão noticiosa seguinte. Na redação do Porto Canal, o termo “off” é ainda comumente utilizado com uma abreviação de “voz-off”, que consiste no texto do jornalista que é sonorizado para uma peça ou grande reportagem.

Os “offs” são os primeiros conteúdos que os estagiários do Porto Canal começam a produzir para televisão, como forma a ganhar destreza de edição de vídeo, antes de lhes ser dada a autonomia de editar peças completas.

3.1.4 AS “TALKING HEADS”

As “*talking heads*”, comumente apelidadas de “bocas” ou de “th”, na forma abreviada, constituem breves excertos de entrevistas, destinados a serem transmitidos no noticiário de forma isolada, isto é, sem estarem inseridos numa reportagem ou numa peça jornalística.

Por regra, as “*talking heads*” não devem exceder 1 minuto de duração. No entanto, é dada uma margem ligeiramente maior quando a entidade que fala ou o acontecimento que motiva as declarações de determinada figura assim o justifiquem (por exemplo, uma crítica do Presidente

da República à atuação do Governo ou um anúncio de uma medida do Presidente da Câmara do Porto para combater o consumo de droga na cidade).

É comum as “*talking heads*” surgirem imediatamente a seguir a “offs”, caso estejam diretamente relacionados com o mesmo tema. Por exemplo, se uma determinada notícia sobre ambiente é dada em “off”, justifica-se que, logo a seguir, entre uma “*talking head*” de um especialista ou de um representante de uma associação ambientalista, a fornecer explicações adicionais sobre o tema ou o acontecimento da notícia.

3.1.5 AS PEÇAS

As peças jornalísticas são o principal combustível dos noticiários. Com durações médias de 2 minutos, as peças (também chamadas de “reportagens”, ainda que o conceito de reportagem remeta, usualmente, para um conteúdo mais denso e detalhado) são compostas por texto, imagem, som, vídeo e grafismos, sendo a forma mais completa de dar notícias em televisão.

Regra geral, as peças contêm um ou mais entrevistados²⁰, que são distribuídos pela peça, mediante o seu peso mediático ou o seu nível de propriedade no assunto da peça. Uma das primeiras dicas que os estagiários do Porto Canal recebem, na construção de peças, é a quase obrigatoriedade de colocar, em primeiro lugar, os cidadãos e só depois as instituições ou as entidades. Exemplificando, no caso de uma peça sobre a falta de médicos num hospital, em que sejam ouvidos utentes queixosos e o Conselho de Administração da unidade hospitalar, os utentes são os primeiros a intervir na peça.

O formato comum de uma peça tradicional, com cerca de dois minutos de duração, é composta por uma breve introdução do jornalista (duas ou três frases de contextualização), uma intervenção de um entrevistado (não muito mais do que 30 segundos), uma informação adicional da parte do jornalista, uma nova intervenção, do mesmo ou de outro entrevistado, e um fecho breve do jornalista.

Embora peças de *hard news* não exijam mais do que esta estrutura, há certas temáticas que permitem explorar um pouco mais a criatividade jornalística de cada profissional, que pode

²⁰ Peças sem entrevistados, onde apenas constem a voz do jornalista e imagens, são chamadas de “peças de redator”.

aplicar diferentes técnicas de edição, reorganizar a ordem das intervenções para adensar a narrativa da reportagem, incluir-se visualmente na peça, através de vivos, colocar uma música de fundo, entre outros métodos interessantes. Ainda assim, este tipo de peças mais extensas e criativas não se dão todos os dias, não só porque nem sempre existe motivo para realizá-las, como também o caráter cada vez mais frenético da profissão não confere muito tempo aos jornalistas.

3.1.6 OS DIRETOS

Quando se imagina um jornalista, em contexto de televisão, uma das primeiras imagens mentais que este pensamento despoletará será, muito provavelmente, a de um repórter, em pé, de microfone em punho, com o olhar voltado para uma câmara.

O direto é um dos momentos mais relevantes numa emissão informativa de um canal de televisão, tratando-se esta de um meio de comunicação que vive da imagem e de tudo o que é visual. Ao mesmo tempo, o direto é a ocasião em que os critérios de noticiabilidade são, de forma mais notória, chamados ao debate, confiando-se que o jornalista explicará, durante o tempo em que está *live*, os acontecimentos e os contextos que motivaram, precisamente, a existência desse mesmo direto.

Citando Barbie Zelizer (1990, p. 38), Ahva e Pantti argumentam que “a autoridade do jornalista emerge do facto de este “estar próximo dos acontecimentos”, ou seja, de relatar o que vê. Por isso, questões como a localização e o acesso – assim como a prática da testemunha ocular (o ‘eyewitnessing’) - continuam a ser importantes no jornalismo, especialmente porque o papel tradicional do jornalista como testemunha ocular foi afetado pelo desenvolvimento das tecnologias de registo digital” (Ahva e Pantti, 2014, p. 3). Ora, regra geral, o direto nada mais é do que o resultado de um ‘eyewitnessing’ detalhado, em que o jornalista descreve o que está a acontecer, podendo, ou não, contar com o apoio de um ou mais entrevistados, que auxiliam com outros pontos de vista, ou perspetivas que o jornalista poderia não ter em mente.

É sempre necessário estabelecer uma distinção entre os diretos “premeditados” - tais como uma entrevista, uma cerimónia, uma manifestação, um evento previamente agendado – dos diretos de última hora – um acidente, uma ameaça de bomba, um incêndio. Tendencialmente, estes últimos são os que mais entusiasma os jornalistas, pela imprevisibilidade do momento e

pela exigência de procurar as motivações ou avaliar as consequências do sucedido, de modo a maximizar o número de informações possível de narrar à audiência, no momento em que entram em direto. Ainda assim, os dois tipos de diretos são desafiadores e podem estar sujeitos a uma vastidão de cenários que uma reportagem gravada – e, como tal, mais controlada - não enfrenta (falhas técnicas, peripécias, lapsos de memória, um entrevistado cometer uma inconfidência...).

Gosto de pensar que o direto é o momento em que a aptidão e a destreza dos jornalistas são verdadeiramente colocadas à prova, não só pela postura, pelo ritmo e pela fluidez da informação que o repórter é capaz de manter, num ambiente pouco controlado e em que as informações podem ser escassas ou ir chegando em simultâneo com o decorrer do direto, mas também no modo como o jornalista enfrenta essas adversidades sem perder a compostura ou a seriedade.

Em jornalismo televisivo, é prática corrente exibir “falsos diretos”, nos noticiários. Tal como o nome indica, um falso direto é uma simulação de um direto – com a mesa exata mecânica de um direto – com a diferença de que foi previamente gravado e, por vezes, editado. Não sendo um substituto ideal do direto, o “falso” aplica-se quando existe a relevância num evento ou num acontecimento, mas o horário a que este decorre não coincide com o noticiário.

3.2 OBJETIVOS

Ficamos a perceber que existem diversas formas de dar notícias e que, num só noticiário, estas podem manifestar-se de diferentes maneiras. Esta apresentação das noções é relevante porque importa conhecer o que será analisado, ao longo das próximas páginas.

Ficamos, também, a compreender algumas das bases teóricas relativas à proximidade e aos diferentes modos em que esta tem influência no jornalismo, sobretudo nos órgãos de comunicação social de cariz regional, e a importância que esta tem para as comunidades.

Como pudemos constatar, ainda no primeiro capítulo, o Porto Canal compreende muitas características de um canal generalista tradicional, com a diferença de que orienta o seu foco informativo apenas para a região Norte, tanto na abordagem de temas específicos de região, como no tratamento de temas nacionais, conferindo-lhes sempre uma roupagem “a Norte” ou

trabalhando-os à luz dos impactos que podem ter na região, ou no modo como a população nortenha os interpreta.

Algumas das peças que produzi (pp. 29-35), em tempo de estágio, já deixam antever que o Porto Canal leva a sério a sua missão como um órgão de comunicação social que tenta sempre praticar o jornalismo de proximidade, ainda que, por vezes, seja tentador “correr atrás” das tendências e abdicar de histórias noticiáveis da região Norte para, por exemplo, ir buscar declarações a um governante, sobre um assunto em nada relacionado com o motivo da visita ao Norte.

Ainda assim, e para uma maior consistência do presente relatório, importa expandir o horizonte da análise e levá-la mais a fundo, compreendendo um período mais sólido e significativo da cobertura jornalística.

Este capítulo, de análise metodológica, compreende alguns objetivos ou linhas orientadoras, que passo a listar:

- 1) Compreender se, na prática, o Porto Canal prioriza a região Norte na componente informativa;
- 2) Avaliar se, dentro da região Norte, há uma hierarquização de territórios;
- 3) A confirmar-se o ponto 2, perceber quais as regiões beneficiadas e com que margem;
- 4) Observar se, em termos de alinhamento, os acontecimentos referentes à região Norte são transmitidos mais cedo que os restantes;
- 5) Mapear as peças de abertura, com vista a traçar um padrão temático e territorial;
- 6) Estimar, ainda em matéria de alinhamento, quanto tempo de antena é dedicado ao Norte;
- 7) Identificar casos “estranhos”, geograficamente, e entender o respetivo contexto;
- 8) Analisar que temáticas são priorizadas, a Norte, e se temas “politizantes” da estação, como a regionalização, marcam presença de forma acentuada;
- 9) Compreender se o jornalismo de proximidade é uma prática real na redação do Porto Canal;

3.3 ANÁLISE EMPÍRICA: METODOLOGIAS

Bardin define a análise de conteúdo como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos” (Bardin, 1977, p.9). A análise de conteúdo é o caminho que o investigador se auto-propõe a percorrer para problematizar o enquadramento teórico e confrontar-se com um mar de possíveis realidades, jornada essa que é marcada pela “atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem” (Bardin, 1977, p. 9). É essa ânsia pelo desconhecido que move a pesquisa qualitativa, nas ciências sociais. Sousa e Santos referem que “toda a pesquisa tem como intencionalidade indagar algo a partir de uma problemática vivenciada em contexto social, tendo como objetivo responder à pergunta problema e às preocupações de elaborar novos conhecimentos que possibilitem compreender/transformar a real condição do que está a ser estudado” (Sousa & Santos 2020, p. 1397).

Quer isto dizer que os fundamentos teóricos não devem largados “ao vento da discussão dos saberes” (Loureiro, 2011, p. 313), mas, ao invés disso, problematizados, para que a partir deles se possa produzir conhecimento e descobrir novas respostas. É o que se pretende, neste subcapítulo. O estudo que aqui proponho pretende dissecar as dinâmicas informativas do Porto Canal, com o intuito fundamental de entender, num contexto prático, se os fundamentos teóricos da proximidade, à luz do jornalismo, podem ser aplicados, numa análise quantitativa e qualitativa, no ecossistema informativo da redação.

A análise empírica do presente estudo incidirá sobre as transmissões televisivas da “Noite Informativa” (21h30-22h00) do Porto Canal, referentes à totalidade do mês de setembro de 2023.

Devo ressaltar que a metodologia de análise não decorrerá nos moldes que inicialmente desejava, dado que me foi impossível aceder ao arquivo privado de emissões. Como jornalista, tive que me adaptar às contrariedades e encontrar um plano B. Embora as transmissões dos noticiários sejam transferidas para o arquivo, sensivelmente 48 horas da transmissão em direto, os alinhamentos permanecem, para sempre, acessíveis aos jornalistas. Por intermédio do *Dalet Galaxy*. Através dos alinhamentos, é dado o acesso aos títulos das peças e à respetiva transcrição textual, o que ajuda a compensar a ausência das peças visíveis.

A escolha da “Noite Informativa” prendeu-se com o facto de este ser o último noticiário do dia, pelo que é o que reúne, numa espécie de resumo, toda a informação essencial e todos os acontecimentos de maior relevo que ocorreram ao longo do dia, além de que, dos quatro grandes noticiários do Porto Canal, este é o que mais vive de peças completas (e não tanto de “offs” ou “talking heads”).

Vale a pena salientar este tópico, considerando que, nesta análise empírica, vou apenas debruçar-me sobre as peças, deixando de lado “offs”, “talking heads”, os diretos e os espaços de comentário. A justificação da minha decisão tem alguns motivos associados:

- 1) as peças transmitidas na Noite compreendem as notícias mais importantes de cada dia, o que ajuda a espelhar o que é “prioridade” (sendo merecedor de peça) na informação do canal;
- 2) no horário noturno, muitos dos “offs” e dos “talking heads” já se tornaram obsoletos, ou então já foram desenvolvidos e terão sido incluídos como parte integrante das peças;
- 3) tratando-se de um período de análise relativamente extenso, acredito que somente as peças sejam suficientes para ajudar a obter conclusões.

3.4 ANÁLISE DE RESULTADOS

A metodologia empírica do presente relatório envolveu a análise de 25 emissões da “Noite Informativa” do Porto Canal, correspondentes a 25 dias do mês de setembro de 2023 (Anexo III). Nos dias 19, 23, 28, 29 e 30 de setembro não existiu transmissão deste noticiário, por força da volatilidade de grelha que, por vezes, é exigida.

No período em análise, foram transmitidas, no total, **244 peças jornalísticas**.

Destas 244 peças, **127** apresentam um **cariz regional**, **46** são de **âmbito nacional** e **20** sobre atualidade **internacional**. O **desporto** também assume uma força considerável, com **51** peças, sendo que 39 delas são dedicadas a encontros desportivos ou eventos do Futebol Clube do Porto.



GRÁFICO 1 – Tipologia de peças

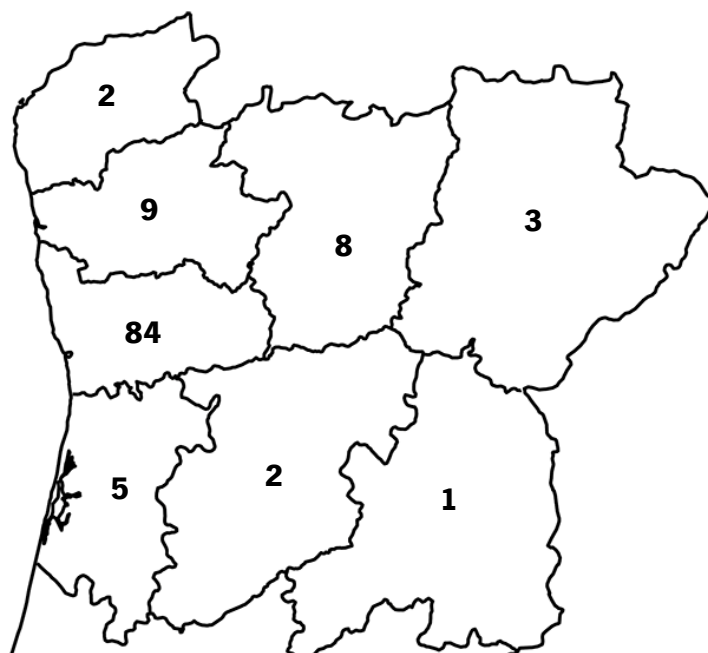
Ainda que estejamos, somente, numa fase inicial da análise, conseguimos observar uma tendência, que vai ao encontro dos valores apregoados pela estação. A vastíssima maioria dos temas de âmbito nacional relacionam-se com política/Governo, saúde ou habitação, compreendendo novas leis, problemas estruturantes inerentes a todo o país. Quanto ao internacional, os principais temas das peças incidiam sobre um sismo em Marrocos ou cheias na Líbia. Surpreendentemente, nenhuma peça sobre a guerra na Ucrânia foi transmitida.

Ao longo do mês de setembro, a informação de cobertura regional venceu, com maioria absoluta, os demais âmbitos informativos. Ainda assim é necessário verificar as particularidades para lá destas percentagens e, além disso, importa dissecar, com maior detalhe, o tipo de regiões privilegiadas e que tipo de temas foram priorizados nos alinhamentos.

Em 25 emissões noticiosas, foram transmitidas 127 peças de âmbito regional, quase na totalidade voltadas para Norte, mas uma análise mais aprofundada põe a nu um desequilíbrio territorial bastante acentuado.

A 23 de setembro, foi transmitida uma peça regional de Lisboa, relativamente a uma manifestação pela escola pública que teve lugar na capital. A 25 e 26 de setembro, foram transmitidas duas peças regionais sobre a Região Autónoma da Madeira, que foi a eleições nesse fim-de-semana. Excluindo estas três exceções, todas as demais peças regionais transmitidas na

Noite Informativa tiveram como pano de fundo a região Norte. Das 124 peças regionais do Norte, 9 não aconteceram em nenhum local específico da região, mas abordaram questões que a afetam como um todo, como por exemplo o mau tempo ou as greves regionais de médicos, ou as denúncias de agricultores de toda a região acerca do *dumping* no preço do leite.



MAPA 1 - *Distribuição geográfica de peças, por distrito*

O mapa acima mostra que o distrito do Porto absorveu a maior parte da atenção mediática no mês de setembro – pelo menos ao nível dos conteúdos que mereceram peça - o que revela uma certa tendência “portocêntrica” na cobertura da informação. Ainda mais quando observamos o cenário dentro do próprio distrito.

A **cidade do Porto** foi o local de **59 peças**, seguindo-se Matosinhos com 10, Vila Nova de Gaia com 5 e Gondomar e Póvoa de Varzim com 2 peças cada. Os municípios da Maia, Valongo, Baião, Amarante, Lousada e Paços de Ferreira protagonizaram uma peça cada um.

Não surpreende que só a cidade do Porto tenha sido palco de mais peças que todos os distritos da região Norte juntos. Temas como o encerramento e a reabertura da Associação Cultural

STOP²¹, as eleições concelhias do Chega²², o encerramento da discoteca Eskada²³ e o tráfico de droga²⁴ na cidade do Porto foram apenas alguns dos assuntos próprios da cidade que motivaram uma cobertura intensiva e em constante desenvolvimento, por suscitarem debate e serem temas polarizadores na cidade (explora-se, aqui, a proximidade social e afetiva face aos assuntos que mais diretamente dizem às pessoas).

O segundo distrito com maior cobertura de peças foi Braga, com um número abissalmente inferior de peças (9). Braga e Guimarães deram palco a três peças cada, enquanto que Vila Verde teve duas e Vila Nova de Famalicão uma. Neste distrito, a maior parte das peças cobriu assuntos de interesse local (autarquias, emprego...), podendo-se distinguir uma das peças de Vila Verde, em que o protagonista foi o Secretário de Estado do Desporto, ou uma das peças de Guimarães, cuja razão de ser passou pela visita do Presidente da República.

O terceiro principal distrito foi Vila Real, com menos uma peça do que o distrito de Braga. Mau tempo, crise no SNS e o arranque do ano letivo na UTAD foram os principais temas a envolver as reportagens neste território. A sede de distrito teve 4 peças, enquanto que as restantes 4 se distribuíram por Régua, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar e Alijó.

Em quarto lugar, surge o distrito de Aveiro, com 5 peças transmitidas. Duas das peças envolveram o julgamento do ex-Presidente da Câmara Municipal de Espinho, à boleia da Operação Vórtex. Também Santa Maria da Feira deu palco a duas peças, enquanto que Ovar foi o ponto geográfico central de uma, sobre saúde.

Os restantes distritos da região Norte, sobretudo Guarda, Viseu e Viana do Castelo, obtiveram uma cobertura mais residual, o que traz para cima da mesa a existência de assimetrias regionais claras, dentro do próprio Norte num todo. Por exemplo, no caso de Viseu, uma das peças teve como palco a vila de São João da Pesqueira (a outra em Lamego), e apenas se deu a propósito da visita do Presidente da República a uma feira de vinhos e gastronomia da vila. Acredito que, se essa visita não acontecesse, a vila não seria sequer objeto de cobertura mediática, como, de resto, não costuma ser.

²¹ <https://portocanal.sapo.pt/noticia/337242>

²² <https://portocanal.sapo.pt/noticia/336493>

²³ <https://portocanal.sapo.pt/noticia/337456>

²⁴ <https://portocanal.sapo.pt/noticia/336649>

Olhando para o distrito de Bragança, encontramos uma tendência inversa. Das três peças com foco no distrito, uma resultou de uma reportagem acerca da falta de caixas de multibanco na vila de Vinhais; outra incidiu sobre o risco de desaparecimento do mirandês; e uma terceira sobre problemas no funcionamento do Hospital de Bragança²⁵. Três casos de peças com conteúdo de interesse local e muito específico, mas que, ainda assim, constituem uma percentagem bastante residual das 244 peças que foram emitidas ao longo do mês.

Podemos argumentar que algumas limitações do Porto Canal, do ponto de vista dos recursos humanos, técnicos e financeiros, não permitem uma cobertura descentralizada mais intensiva e evidente, dentro da própria região Norte. Com a sede na cidade da Senhora da Hora, em Matosinhos, não é inesperado que os municípios do Porto (59) e Matosinhos (10) sejam os que mais peças têm representadas nos noticiários. Assuntos como o trânsito na cidade do Porto ou a privatização da Efacec, em Matosinhos, tornam-se mais apetecíveis, quer pelo seu interesse jornalístico, quer pela sua proximidade geográfica à sede. Não é surpreendente que, dentro da própria Área Metropolitana do Porto, existam essas desigualdades, com municípios como Arouca, Trofa ou Santo Tirso a não terem uma única peça a ser emitida ao longo de um mês.

Mesmo com uma delegação em Braga e outra em Vila Real, a cobertura de todos os acontecimentos revelantes das regiões do Minho e de Trás-os-Montes fica comprometida, já que o território continua a ser mais vasto do que a capacidade de cobertura, pelo que é necessário hierarquizar acontecimentos, e conduzir as equipas para aqueles que não podem, mesmo, ser rejeitados. Além disso, depois da cobertura dos eventos ou das notícias, em reportagem, há uma filtragem entre aquilo que é convertível em peça, o que é priorizado no topo do alinhamento, e o que é descartado para um “off” + “talking head” ou então como peça para o dia seguinte.

Ainda assim, observa-se o esforço editorial em manter os temas da região Norte (ainda que com um certo viés a pender para o Grande Porto) no topo dos alinhamentos, isto é, na abertura e nos primeiros minutos das emissões noticiosas. Como é possível consultar no Anexo III, das 25 emissões analisadas, houve apenas duas cuja notícia de abertura não teve lugar num dos distritos da região Norte.

²⁵ Incluiu-se, nesta peça do Hospital de Bragança, o Hospital da Guarda, sendo aí que surge a única representação do distrito em peças da Noite Informativa. <https://portocanal.sapo.pt/noticia/337614>

A 10 de setembro, a notícia de abertura da Noite Informativa centrou-se nas operações de resgate em Marrocos²⁶, após um violento sismo que dizimou vilas e cidades. É o único caso em que uma notícia de atualidade internacional foi transmitida tão cedo no alinhamento, e logo na abertura, que costuma estar reservada para os temas do Norte ou para o Futebol Clube do Porto. Foi um tema acompanhado em permanência no Porto Canal, pela sua proximidade ao país e pelos portugueses que foram, direta ou indiretamente, vitimados pela catástrofe.

O outro caso remonta a 20 de setembro. Nessa noite, a notícia de abertura partiu de uma entrevista da presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses²⁷, Luísa Salgueiro, que anunciou, em entrevista à Agência Lusa, a impossibilidade de existirem condições para a regionalização avançar, no presente mandato autárquico. Ora, a regionalização (ou, na verdade, a ausência dela) é um dos temas principais do ADN do Porto Canal, que tem sido desenvolvido, trabalhado e debatido desde que a estação começou a dar os primeiros passos. O posicionamento da estação como o único canal de televisão generalista português produzido fora de Lisboa, e como porta-estandarte dos valores do Norte e do Grande Porto, fazem que com a inexistência de um referendo à regionalização seja um dos tópicos informativos mais controversos, daí a entrevista de Luísa Salgueiro a justificar peça de abertura.

Quando a peça de abertura não está intimamente ligada a um acontecimento ou a uma reportagem situada no Norte, está, em vez disso, ocupada por um conteúdo do Futebol Clube do Porto, que volta a marcar a posição de acionista maioritário, no que concerne à sua priorização, agora em termos de hierarquia de alinhamento. Foi o que aconteceu logo no dia 1 de setembro, com a Noite Informativa a abrir com uma peça de perfil de Francisco Conceição, atleta que regressou ao Futebol Clube do Porto, por empréstimo dos holandeses do Ajax. No dia 6 de setembro, o noticiário voltou a arrancar com um conteúdo do clube. Desta vez, uma peça relativa a um protesto dos “azuis-e-brancos”, a propósito de uma partida de futebol frente ao Arouca. Também no dia 8 de setembro, foi dado destaque ao Futebol Clube do Porto, desta vez pela figura do Presidente, Jorge Nuno Pinto da Costa, que participou na conferência mundial de futebol, *Thinking Football Summit*. O último exemplo deu-se a 15 de setembro, com a emissão de um resumo do encontro entre o Futebol Clube do Porto e o Estrela da Amadora.

²⁶ <https://portocanal.sapo.pt/noticia/336479>

²⁷ <https://portocanal.sapo.pt/noticia/337135>

3.5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Na sequência da análise metodológica elaborada no subcapítulo anterior, elencou-se um conjunto de respostas aos objetivos anteriormente delineados. A teorização da proximidade, na qualidade de um dos principais critérios de noticiabilidade, à luz do jornalismo, ganha outros contornos quando é possível percebê-la como via orientadora de um órgão de comunicação social.

Quanto ao objetivo 1, é um facto que, no Porto Canal, a informação priorizada é aquela que mais diretamente apela aos territórios e às temáticas próprias da região Norte. A diferença considerável entre o número de peças jornalísticas dedicadas ao quotidiano regional nortenho e aquelas que se debruçam sobre matérias gerais nacionais e, até, internacionais, clarifica esta posição. Contudo, é importante frisar que a cobertura jornalística a Norte acarreta algumas imperfeições, que vão além do âmbito geográfico. Olhando para o exemplo de São João da Pesqueira, que já citei anteriormente, a visita do Presidente da República foi o mote da reportagem no local. A figura mediática atraiu a ênfase da reportagem e não, propriamente, as particularidades do território.

Os objetivos 2 e 3 revelaram-se uma realidade verificável. A cidade do Porto assume um tempo de antena extraordinariamente elevado, comparativamente com outros municípios da própria Área Metropolitana e as demais regiões do Norte. Há uma tendência “portocêntrica”, que deixa o Porto e os seus temas numa posição mediática privilegiada, relegando uma cobertura menos “movimentada” noutros pontos geográficos do território.

Consultando os alinhamentos diários, patentes no Anexo III, entende-se que os objetivos 4, 5 e 6 também foram respondidos com nitido êxito. A peça de abertura e os minutos iniciais das emissões jornalísticas da Noite Informativa ficam, na esmagadora maioria das vezes, reservadas para temas ou da região Norte ou do universo do Futebol Clube do Porto. Priorizar um certo tempo de informação é também hierarquizá-lo de modo a destacar-se perante os restantes. No *corpus* de análise em questão 23 das 25 emissões analisadas tiveram como peça de abertura as presentes temáticas. Significa isto que, ao longo de um mês, apenas dois casos excepcionais, com uma justificação relativamente sólida, roubaram, por breves instantes, o protagonismo à região Norte.

O ponto 7, que determinava a procura de casos “estranhos”, geograficamente falando, constituía mais uma hipótese do que propriamente um objetivo. Excluindo a peça com propósito regional situada em Lisboa, nenhum outro ponto me terá causado semelhante nível de estranheza. Já compreendemos que a peça de abertura dedicada ao sismo em Marrocos constituiu uma exceção, motivada pela perigosa proximidade a Portugal. As peças com enfoque na Região Autónoma da Madeira tiveram a sua razão de ser nas eleições do Governo Regional, cuja cobertura não é, de todo, controversa.

O objetivo 8 surge, também, mais como uma orientação do que uma meta a cumprir. O elevado número de peças jornalísticas que a cidade do Porto mereceu surgiu no enalço de temáticas fraturantes e geradoras de frenesim público, como o tráfico de droga, a Associação Cultural STOP, a política autárquica, o trânsito ou a diversão noturna. As peças de âmbito nacional debruçaram-se, na vastíssima maioria dos casos, em temáticas relacionados com o Governo, os impostos ou a saúde. Temas que, não sendo oriundos do Norte, impactam-no diretamente.

Quanto ao objetivo 9, os dados da análise metodológica e o cumprimento dos demais objetivos falam por si mesmos. Ainda que com assimetrias vincadas, dando um estatuto mediático ao Grande Porto que acaba a ofuscar os demais territórios do Norte, fica patente o esforço e o empenho que, todos os dias, os jornalistas do Porto Canal colocam na sua missão de promover a região Norte, mas também de a escrutinar, quando assim se justifica.

Fica no ar a questão se, no futuro, a estação obterá outro tipo de meios que permitam combater algumas das desigualdades territoriais detetadas nesta análise. O que se sabe é que, não existindo um “Norte Canal”, a missão de dar voz às gentes e aos territórios da região continuará nas mãos do Porto Canal.

4

Estágio no Porto Canal: considerações finais

Quando entrei, pela primeira vez, nos estúdios do Porto Canal, estava muito longe de imaginar que aqueles três meses de estágio iriam transformar-se na oportunidade de exercer, profissionalmente, a atividade onde sempre me imaginei a trabalhar. Não esperava fazê-lo em televisão, mas esta tem-me conquistado todos os dias e, felizmente, tenho a sorte de ser acompanhado por colegas e coordenadores com uma missão conjunta.

Os 88 dias de estágio foram um desafio constante e uma aprendizagem sem limites. No Porto Canal pratica-se uma política de lançar os estagiários “aos leões” desde cedo, o que acredito ser extremamente vantajoso para conferir aos futuros jornalistas um certo grau de autonomia e independência, características essenciais para um jornalista, sobretudo em televisão. Não tive a oportunidade de fazer diretos, porque o sistema não o permite, mas pude desenvolver as minhas técnicas e, sobretudo, a destreza na edição, na produção textual e na sonorização de conteúdos jornalísticos para televisão.

Creio que a destreza é uma das principais características que um jornalista deve ter. Associa-a, por exemplo, à versatilidade e à coragem, quer de explorar contextos, assuntos e histórias bem longe da zona de conforto, quer na superação de adversidades que podem ocorrer no dia-a-dia. A capacidade de “ser chato” é outra das características jornalísticas que, sem excessos nem arrogâncias, deve acompanhar qualquer profissional da área: não ter medo de fazer questões, não hesitar em abordar as fontes, com frontalidade e incisão, não ter medo de poder incomodar suscetibilidades ou provocar “desconfortos” por aí. A missão primeira e última do jornalista é a de informar e de manter a confiança do seu público. O público quer a verdade e a tarefa do jornalista é dá-la, sem contemplações, deturpações ou meias medidas. Creio que, ao longo dos três meses de estágio, fui capaz de aprimorar algumas destas características, que me vieram a ser bastante úteis, já em contexto laboral fixo.

Existiram dias maus. Dias em que sentia que não conseguia cumprir com as expectativas que em mim eram depositadas, embora estivesse consciente de que, num estágio curricular, nunca ninguém esperaria a perfeição do meu trabalho. A logística do estágio exigiu de mim muita disponibilidade pessoal e temporal. Viver longe da redação revelou-se um desafio, em diversos momentos. Naqueles três meses, vivi em função do meu trabalho na redação. Creio que isso também terá ajudado ao sucesso do estágio e que a recompensa tenha surgido na posterior assinatura de contrato.

Ouvi histórias. Dezenas ou centenas delas. Homens, mulheres, crianças, idosos, associações, empresas, projetos, instituições, profissionais, políticos. Em tão pouco tempo fui confrontado com tantos estratos sociais e com tantas visões do mundo que, qual paradoxo, por vezes falho em recordá-las com a clareza que mereciam. Ao mesmo, apercebi-me do quão limitado é aquilo que eu acredito saber e conhecer.

Estive em lugares. De uma ponta à outra da região Norte, percorri milhares de quilómetros, com o caderno debaixo do braço e o microfone em punho, acompanhado por repórteres de imagem que, muitas vezes, se revelaram verdadeiros amigos no terreno. Visitei terras que só conhecia de nome e conversei com gentes e autarcas de locais que só sabia apontar no mapa. Senti de verdade o que era o “estar próximo” que o Porto Canal tanto apregoa.

Fiz jornalismo. Com as falhas típicas de um estagiário, tentei sempre evoluir e aprender com os erros, para evitar cometê-los mais uma vez. Aprendi a saber ouvir. Aprendi a dar tempo

às histórias. Aprendi a lidar com a pressão e com as frustrações do quotidiano jornalístico. Coloquei os verbos no pretérito perfeito, mas a verdade é que ainda estou muito longe de ter aprendido tudo.

Continuo a fazê-lo, todos os dias em que entro pela porta do Porto Canal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ahva, L., & Pantti, M. (2014). Proximity as a journalistic keyword in the digital era: a study on the “closeness” of amateur news images. *Digital Journalism*, 2(3), 322-333
<https://doi.org/10.1080/21670811.2014.895505>

Amaral, V. (2012). A proximidade de uma imprensa regional à ideia de cidadania ativa. In Correia, J. C. (Ed.), *Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades* (pp. 11-16). LabCom.
<http://hdl.handle.net/10400.6/10425>

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70

Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Minerva.

Camponez, C. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In Correia, J. C. (Ed.), *Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades* (pp. 35-48). LabCom.
<http://hdl.handle.net/10400.6/10425>

Camponez, C. (2017). Proposta de novos pactos comunicacionais na era do hiperlocal. In Jerónimo, P. (Ed.), *Mídia e jornalismo de proximidade na era digital*. LabCom. 11-26
<https://www.labcom.ubi.pt/book/298>

Carvalho, C. (2020). Jornalismo local, cultura e património: o caso de Arouca. In Jerónimo, P., & Correia, J. C. (Eds), *O pulsar da proximidade nos média e no jornalismo*. LabCom. 15-30
<https://doi.org/10.25768/20.04.05.02.02>

Coelho, P. (2007). A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação. 57-64

Coelho, P. (2016). O lugar da proximidade nos planos de formação em jornalismo. *Media & Jornalismo*, 16(28), 89-108. https://doi.org/10.14195/2183-5462_28_6

Correia, J. C. (2012.) *Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades*. LabCom. <http://hdl.handle.net/10400.6/10425>

Fernandes, N. (2017). A webtelevisão local e regional em portugal. In Jerónimo, P. (Ed.), *Media e jornalismo de proximidade na era digital* (pp. 87-118). LabCom <https://www.labcom.ubi.pt/book/298>

Ferreira, G. B. (2012). Jornalismo interativo e vida cívica: pode o online tornar o jornalismo mais público?. In Correia, J. C. (Ed.), *Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades* (pp.69-79). LabCom. <http://hdl.handle.net/10400.6/10425>

García De Torres, E. (2017). Periodismo de proximidad: el reto de los espacios abiertos. In Jerónimo, P. (Ed.) *Media e jornalismo de proximidade na era digital* (pp. 119-136). LabCom. <https://www.labcom.ubi.pt/book/298>

Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade*. LabCom. <https://labcom.ubi.pt/book/203>

Jerónimo, P. (2017). *Media e jornalismo de proximidade na era digital*. LabCom. <https://www.labcom.ubi.pt/book/298>

Jerónimo, P., & Bastos, H. (2012). Jornalismo de proximidade em transição para a Internet. *Revista Estudos do Jornalismo*, 1.

Jerónimo, P., & Correia, J. C. (2020). *O pulsar da proximidade nos media e no jornalismo*. LabCom <https://www.labcom.ubi.pt/book/352>

Labella L. I. (2012). El nuevo periodismo de proximidad, una ventana abierta al mundo. In Correia, J. C. (Ed.), *Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades* (pp.87-98). LabCom. <http://hdl.handle.net/10400.6/10425>

Lopez Garcia, X. (2002). Repensar o jornalismo de proximidade para fixar os *media* locais na sociedade glocal. *Comunicação e Sociedade*, 4, 199-206; [https://doi.org/10.17231/comsoc.4\(2002\).1292](https://doi.org/10.17231/comsoc.4(2002).1292)

Lopez Garcia, X. (2017). Realidades e desafios do ciberjornalismo de proximidade. In Jerónimo, P. (Ed.), *Media e jornalismo de proximidade na era digital* (pp. 119-136). LabCom. <https://www.labcom.ubi.pt/book/298>

Loureiro, L. M. N. S. (2012). *O ecrã da identificação* [Tese de Doutoramento. Universidade do Minho]. Braga. <https://hdl.handle.net/1822/20462>

Melo, T., & Silva, T. (2016). A reportagem em contexto de jornalismo de proximidade. *Estudos em Comunicação*, 22. Universidade de Aveiro. 83-104. <http://hdl.handle.net/10773/21732>

Neveu, E. (2006). *Sociologia do jornalismo*. Loyola.

Ramos, G., & Grupillo A. (2020). Jornalismo regional em novas plataformas. In Jerónimo, P., & Correia, J. C. (Eds), *O pulsar da proximidade nos media e no jornalismo* (pp. 31- 46). LabCom;

Rebello, C. T., & Lindemann, C. (2015). Porto, literacia e identidade local: a contribuição do Porto Canal e do Porto24. In Pereira, S., & Toscano, M. (Eds.), *Literacia, media e cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso*. CECS. Braga. 147-161; <http://hdl.handle.net/1822/64988>

Rebello, C. T., & Teixeira, S. (2014). A comunicação na construção da marca cidade: Porto Canal no Porto cidade. *13th International Marketing Trends Conference*. Università Ca' Foscari.

Sousa, J. R., & Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e debate em educação*, 10(2). 1396–1416.

<https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>

Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo* (vol.2). Sc: Insular.

ANEXOS

ANEXO I – GRAFISMOS



Tarde Informativa



Viver Aqui

ANEXO II – REDES SOCIAIS



Facebook



Twitter



Instagram

ANEXO III – ALINHAMENTOS

01/09/2023

21:30:51 PEÇA PERFIL FRANCISCO CONCEIÇÃO (1min3s)
21:32:12 STOP VAI ENCERRAR (2min23s)
21:34:36 1 MORTO NA PÓVOA DE VARZIM APÓS TIROTEIO EM ESCRITÓRIO (1min)
21:36:19 AUTARCAS DO DOURO CONTRA ULS QUE AGRAVAM DESIGUALDADES NO ACESSO À SAÚDE (2min10s)
21:40:17 NOVOS RADARES VÃO MULTAR MAIS (2min8s)
21:42:26 SERVIÇO DE METROBUS DE GAIA COM AUTOCARROS A BIODIESEL (3min10s)
21:53:15 GREVE FUNCIONÁRIOS JUDICIAIS EM VILA REAL (1min40s)
21:54:55 EMPRESA FECHA EM GUIMARÃES (1min45s)
21:56:41 NUNO MELO VISITA AGROSEMANA (2min24s)
22:03:31 ELVIRA FORTUNATO SOBRE CAMAS NO ENSINO SUPERIOR (2min9s)
22:05:41 ARRANQUE DE ANO LETIVO – O QUE ESPERAM DIRETORES E PAIS (2min30s)
22:10:57 SÉRGIO CONCEIÇÃO É INOCENTE (1min35s)
22:12:32 ANTEVISÃO SUPERTAÇA IBÉRICA ANDEBOL (2min40s)
22:15:13 CONTRATAÇÃO GUI GUEDES FCPORTO (1min46)
22:20:00 QUALIFICAÇÕES OLÍMPICAS DE BREAKING NO PORTO (3min03s)
22:47:10 OBJETIVO DO MÊS: CHAVE DA CIDADE DO PORTO (2min39s)
TOTAL: 16 PEÇAS
NACIONAL: 3 PEÇAS
REGIONAL: PORTO: (2) PÓVOA DE VARZIM (2), GAIA (1) VILA REAL (1), GUIMARÃES (1), DOURO (1)
FC PORTO: 5 PEÇAS

02/09/2023

21:30:57 MAU TEMPO AFETA NORTE DO PAÍS (2min6s)
21:40:39 PR EM SÃO JOÃO DA PESQUEIRA (3min37s)
21:47:14 PERDIDOS E ACHADOS DA PSP PORTO EM COLAPSO (2min26s)
TOTAL: 3 PEÇAS
REGIONAL: NORTE (1), SÃO JOÃO DA PESQUEIRA (1), PORTO (1)

03/09/2023

21:31:20 PREJUÍZOS DO MAU TEMPO A NORTE (2min12s)

21:38:19 MUSICOS DO STOP LAMENTAM CONTESTACAO DA CÂMARA AO RELATÓRIO DA PROTECAO CIVIL (2min49s)

21:41:08 LUIS MONTENEGRO CRITICAS AO GOVERNO E ELEICOES EUROPEIAS (2min59)

21:47:50 PROTESTOS CONTRA EUCALIPTOS E CELULOSES NOS INCENDIOS (2min15)

22:24:09 DIA EUROPEU NA CULTURA JUDAICA CELEBRADO NO PORTO COM INAUGURAÇÃO DE MEMORIAL (2min43)

TOTAL: 5 PEÇAS

NACIONAL: 1 PEÇA

REGIONAL: PORTO (3 PEÇAS), NORTE (1 PEÇA)

04/09/2023

21:35:43 PARECER ANEPC SOBRE SEGURANÇA NO STOP (2min1)

21:39:19 PREJUIZOS MAU TEMPO EM VALPAÇOS (2min34s)

21:46:46 INTERVENÇÃO NO BAIRRO DO CERCO COMBATE A DROGA (2min30s)

21:49:16 CONSELHO MUNICIPAL DE SEGURANÇA DEBATE EFETIVO POLICIAL (1min54)

22:03:35: REGRESSO ÀS AULAS DESEQUILIBRA ORÇAMENTO FAMILIAR (2min8s)

22:05:44 ASSINATURA DE CONTRATOS INTERADMINISTRATIVOS DE COMPETÊNCIAS EM AGRUPAMENTOS DA CIDADE (2min22)

22:10:05 TOMADA DE POSSE NOVOS ORGAOS PSP GNR (2MIN55)

22:15:58 6 MESES REGRA MOVIDA EFICAZES (3min31)

22:19:29 INCENDIO NA MAIA DEIXA FAMILIA DESALOJADA (3min9)

22:44:41 PEÇA VAR FORNECIMENTO DE ENERGIA (1min25)

22:46:07 MAU TEMPO ESPANHA (1min5)

22:50:07 PORTO PROMOVE REUTILIZACAO DE MANUAIS ESCOLARES (2min39)

TOTAL: 12 PEÇAS

NACIONAL: 2 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (6 PEÇAS), VALPAÇOS (1 PEÇA), MAIA (1 PEÇA)

FC PORTO: 1 PEÇA

INTERNACIONAL (1 PEÇA)

05/09/2023

21:30:35 IDOSO MORRE EM VILA POUCA DE AGUIAR DEPOIS DE ESPERAR HORAS NO CENTRO DE SAÚDE (3min17s)

21:36:18 CAIXAS DE MULTIBANCO SÃO UMA MIRAGEM EM VINHAIS (3min25)

21:39:43 FALTA DE CRECHES + COSTA DIZ QUE HÁ 85 MIL VAGAS (3min11)

21:44::31 CRISE NA HABITAÇÃO – TRICAS POLÍTICAS + CARTA A BRUXELAS (2min36)

22:07:08 JUSTIÇA MENINA BALEADA PONTE DA BARCA (2min33)

22:12:18 MÉDICOS MANIFESTAM-SE PERANTE REUNIÃO DA OMS NO PORTO (3min27)

22:15:46 CI CONJUNTA OMS/EUROPA E GOVERNO PORTUGAL (2min58)

22:40:35 COMEMORAÇÕES DIA DO ESTADO MAIOR GENERAL DAS FA (2min5)

22:49:24 TEATRO S. JOAO REVELA PROGRAMACAO 2023/2024 (2min12s)

TOTAL: 9 PEÇAS

NACIONAL: 4 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (2 PEÇAS), V.P.AGUIAR (1), VINHAIS (1), PDBARCA (1)

06/09/2023

21:31:59 PEÇA PROTESTO FC PORTO X AROUCA (1min59)

21:33:58 CHRISTINE OURMIERES-WIDENER PROCESSA TAP E PEDE 5,9 MILHÕES DE EUROS (2min9)

21:36:07 FALSO DIRETO DESPARECIDO VNGAIA (3min28)

21:51:25 GREVE MEDICOS REGIAO NORTE (3min8s)

21:55:21 CASOS DE CANCRO EM PESSOAS ABAIXO DOS 50 ANOS AUMENTARAM 80% (2min56s)

21:59:13 SALARIO DE METADE DOS PORTUGUESES EMPREGADOS NÃO CHEGA PARA DESPESAS (3min1s)

22:04:39 SUPERCOMPUTADOR DEUCALION EM GUIMARÃES (2min30s)

22:07:10 VII ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE INOVAÇÃO PEDAGOGICA (3min38)

22:10:48 ARRANQUE TRABALHOS PARLAMENTARES (3:39)

22:39:41 FERNANDO ARAÚJO E NELSON PEREIRA SOBRE NOVO GABINETE DA OMS EM PORTUGAL (2:36)

22:42:18 VISITA DE APRESENTAÇÃO BAIROS COMERCIAIS DIGITAIS (2:41)

22:47::49 PINTO DA COSTA SOBRE RUI MOREIRA E JOGO AROUCA (1min54)

TOTAL: 12 PEÇAS

NACIONAL: 5 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (2 PEÇAS), GAIA (1 PEÇA), GUIMARÃES (1), NORTE (1)

FC PORTO: 2 PEÇAS

07/09/2023

22:01:12 O FUTURO INDEFINIDO DA EFACEC (3:04)

22:04:17 PAULA PENEDA PRIMEIRA MULHER DO PORTO A LISBOA NA PSP (1:43)

22:10:23 RUI AFONSO CANDIDATO CHEGA AO PORTO (6:07)

22:17:52 APOIO DE 1400 EUROS ÀS FAMÍLIAS NO CONCELHO DE ALIJO (3:04)

22:20:57 BRIEFING CONSELHO DE MINISTROS (2:03)

22:23:00 ANTONIO COSTA ANUNCIA MEDIDAS PARA FIXAR JOVENS (2:48)

22:29:18 RESUMO ANDEBOL BELENENSES X FC PORTO (1:11)

22:51:10 2EDIÇÃO THINKING FOOTBAL SUMMIT (5:25)

TOTAL: 8 PEÇAS

NACIONAL: 2 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (2 PEÇAS), MATOSINHOS (1), ALIJO (1)

DESPORTO: 1 PEÇA

FC PORTO: 1 PEÇA

08/09/2023

23:18:03 PEÇA PRESIDENTE THINKING FOOTBALL SUMMIT (4:03)

23:23:38 ORDEM ENCERRAMENTO STOP (3:22)

23:27:01 MARCELO NA FEIRA DO LIVRO DO PORTO (2:48)

23:29:49 NETO GOUVEIA NOEMADO COMANDANTE PSP PORTO (1:24)

23:31:49 1 ANO MORTE RAINHA DE INGLATERRA (1:48)

TOTAL: 5 PEÇAS

PORTO (3 PEÇAS) FC PORTO (1 PEÇA) INTERNACIONAL (1 PEÇA)

09/09/2023

21:32:09 FD NOITE BRANCA BRAGA CUCA ROSETA (8:03)

21:40:08 SISMO MARROCOS MAIS DE 1000 MORTOS APOIO GOVERNO (2:38)

22:11:26 PORTO APRESENTA PROJETO DE LIMPEZA COM AGUA REUTILIZADA (2:23)

22:19:59 ISRAEL PONTES CANDIDATO CHEGA AO PORTO (6:00)

22:33:23 2EDIÇÃO THINKING FOOTBAL SUMMIT (4:00)

22:37:24 ANTEVISAO ANDEBOL FC PORTO X AC POVOA (2:13)

TOTAL: 6 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (2 PEÇAS), BRAGA (1 PEÇA); FC PORTO: 1 PEÇA; DESPORTO: 1 PEÇA

10/09/2023

21:38:09 OPERAÇÕES DE RESGATE EM MARROCOS, NUMERO DE VITIMAS E AJUDA INTERNACIONAL (2:34)

21:40:43 REGRESSO DE PORTUGUESES AO PAÍS E OUTROS PRESOS MARROCOS (2:51)

21:51:05 FD CHEGA ELEIÇÕES CONCELHIAS (3:30)

21:54:35 ENCERRAMENTO RENTRÉE BLOCO DE ESQUERDA (2:35)

22:26:48 PEÇA CORRIDA DO DRAGÃO (3:31)

TOTAL: 5 PEÇAS

PORTO: 1 PEÇA; FC PORTO: 1 PEÇA; INTERNACIONAL: 2 PEÇAS

11/09/2023

21:30:52 EFACEC ADIA REUNIÃO DE OBRIGACIONISTAS PREVISTAS PARA TERÇA-FEIRA (2:02)

21:42:24 REUNIÃO CM PORTO (2:55)

21:55:51 MAI VISITA MATOSINHOS (2:40)

21:59:16 LEITURA DO ACORDÃO PROCESSO "FOOTBALL LEAKS" (2:25)

22:01:41 PADRE GAMA ACUSADO DE VIOLAÇÃO (1:40)

22:04:08 MÃE DESPEDE-SE SEM VAGA NA CRECHE (2:34)

22:07:40 PROFESSORES AFIXAM PENDOES PELA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA (2:01)

22:31:54 PEÇA SORTEIO TAÇA DA LIGA GRUPO FC PORTO (1:26)

22:33:21 SORTEIO DA TAÇA DA LIGA OUTROS GRUPOS (1:21)

22:34:43 RESUMO PORTUGAL X LUXEMBURGO (1:28)

22:37:26 PEÇA BILHETES CHAMPIONS (1:27)

22:38:53 PEÇA DIOGO COSTA TOP 10 REVISTA INGLESA (2:16)

22:48:32 11 DE SETEMBRO FAZ 22 ANOS (2:10)

22:50:42 ASSOCIAÇÃO FUTEBOL DO PORTO CELEBRA ASSINATURA (2:46)

TOTAL: 14 PEÇAS

NACIONAL: 2 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (3 PEÇAS), MATOSINHOS (3)

FC PORTO: 3 PEÇAS

DESPORTO: 2 PEÇAS

INTERNACIONAL: 1 PEÇA

12/09/2023

21.30:50 A RESPOSTA DOS AUTARCAS AO APELO DO RUI MOREIRA SALAS DE CONSUMO (3:22)

21:36:13 INICIO DAS ALEGAÇÕES FINAIS NO JULGAMENTO DA OPERAÇÃO ETER (2.48)

21:41:20 CM OVAR CONTRA INTEGRAÇÃO DO HOSPITAL DE OVAR NA ULS DE AVEIRO (3:09)

21:44:29 CM FAMILICÃO LANÇA OPA HABITAÇÃO (2.08)

21:46:37 JAIME QUESADO REUNIAO ADIADA EFACEC (2:53)

21:51:15 PROPOSTAS PSD REFORMA FISCAL PORTUGAL (2:26)

22:05:31 BOMBEIROS EXIGEM QUE HOSPITAIS PAGUEM AMBULANCIAS PARADAS (3:10)

22:08:41 REGRESSO DE MASCARAS AOS HOSPITAIS É SINAL DE RECUO NO COMBATE À COVID-19 (3:01)

22:36:32 FD MANIFESTAÇÃO PROFESSORES À PORTA DO COLISEU DO PORTO (4:46)

22:45:12 QUARTO DIA DE BUSCAS EM MARROCOS (2:47)

22:49:09 PEÇA BILHETES CHAMPIONS (1:56)

22:51:06 ANTEVISAO ANDEBOL FC PORTO X WISLA PLOCK (3:00)

22:54:06 ARRANQUE CAMPANHA CINTO-ME VIVO (1:55)

TOTAL: 13 PEÇAS

NACIONAL: 4 PEÇAS

REGIONAL: PORTO: (3 PEÇAS), MATOSINHOS (1), OVAR (1), FAMILICAO (1)

FC PORTO: 2 PEÇAS

INTERNACIONAL: 1 PEÇAS

13/09/2023

21:30:42 CONFERENCIA SOBRE IMPOSTOS DE VENDA DE BARRAGENS (2:43)

21:38:33 RUI MOREIRA E ANTONIO COSTA VISITAM ESCOLA ALEXANDRE HERCULANO (3:11)

21:41:44 COSTA E MOREIRA NO BOLHÃO (3:05)

21:44:50 FEIRA PROPÕE CRIAÇÃO INTERFACE TGV (2:44)

21:48:19 IDOSOS INTOXICADOS LAR PORTO (1:10)

21:50:04 JULGAMENTO MIGUEL ALVES (1:59)

22:13:27 ANTONIO COSTA SOBRE TRAVÃO NAS RENDAS E CREDITO HABITAÇÃO (2:27)

22:39:02 CHEIAS NA LIBIA (2:22)

22:41:24 CINCO DIAS APOS SISMO EM MARROCOS (1:23)

22:43:54 DISCURSO URSULA SOBRE UNIAO EUROPEIA (2:45)

22:47:26 FD VASCO GANDRA (3:20)

TOTAL: 11

NACIONAL: 1

REGIONAL: PORTO (3 PEÇAS), NORTE (1), CAMINHA (1), FEIRA (1)

INTERNACIONAL: 4 PEÇAS

14/09/2023

21:39:12 DIFICULDADES NOS SETORES TEXTEIS E CALÇADO (5:21)

21:44:34 GOVERNO ANUNCIA APOIO À INDÚSTRIA A NORTE (3:15)

21:47:50 MEDICOS PEDEM ESCUSAS DE RESPONSABILIDADE + URGENCIAS DE VILA REAL PODE ESTAR EM RISCO (3:10)

21:51:00 CONSELHO DE MINISTROS APROVA ULS E DEDICAÇÃO PLENA (2:40)

21:55:30 BCE TAXAS DE JURO (1:09)

21:57:14 SECRETARIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO EM VILA VERDE (2:40)

21:59:24 SEGUNDO DIA DE JOAO COSTA A NORTE (2:37)

22:46:33 ANTEVISÃO ESTRELA DA AMADORA X FC PORTO (5:08)

TOTAL: 8 PEÇAS

NACIONAL: 1

REGIONAL: NORTE (3 PEÇAS), VILA REAL (1), VILA VERDE (1)

INTERNACIONAL: 1 PEÇA

FCPORTO: 1 PEÇA

15/09/2023

23:15:48 RESUMO ESTRELA DA AMADORA X FCPORTO (1:37)

23:20:13 RUI MOREIRA REVOGA DECISÃO ESTÁTUA DE CAMILO (2:52)

23:23:05 MERCADO DO BOLHÃO CELEBRA 1 ANO DESDE A REABERTURA (2:40)

23:26:26 GOVERNO ANUNCIA MECANISMO PARA CRIAR ESTABILIDADE FACE A AUMENTOS DAS TAXAS DE JURO (2:49)

23:33:04 COLÓQUIO SAUDE – MANUEL PIZARRO DIZ QUE ULS NÃO SÃO UM REMEDIO MIRACULOSO (2:07)

23:36:23 SILVA PEREIRA CRITICA PROPOSTAS PSD SOBRE IMPOSTOS (1:49)

23:38:58 QUARTEL DE MONTE PEDRAL RECEBE EXPOSIÇÃO DE ARTE URBANA (2:40)

TOTAL: 7 PEÇAS

NACIONAL: 3 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (3 PEÇAS)

FC PORTO: 1 PEÇA

16/09/2023

21:31:24 MAU TEMPO DISTRITO DE VILA REAL (1:30)

21:33:46 LUIS FILIPE ARAUJO QUER SER O PROXIMO CM GONDOMAR (2:00)

21:36:33 BLOCO DE ESQUERDA MATOSINHOS QUE TRAVAR TAXAS DE JURO (2:35)

21:42:36 OBSERVATÓRIO DE PREÇOS CONFIRMA DUMPING NO SETOR DO LEITE A NORTE (1:44)

22:06:27 FARENSE X BRAGA (1:56)

22:08:24 VIZELA X BENFICA (1:19)

22:11:22 AGRICULTORES MATOSINHOS ENGORDAM LARVAS BEBES PARA SEREM TRANSFORMADAS EM FARINHA (2:54)

22:14:17 PEÇA ALTO MINHO TV VINDIMAS (3:53)

22:18:10 CAETANO NO COLISEU (3:25)

TOTAL: 9 PEÇAS

REGIONAL: NORTE (2) MATOSINHOS (2 PEÇAS), PORTO (1) VILA REAL (1), GONDOMAR (1)

DESPORTO: 2 PEÇAS

17/09/2023

21:30:51 EURORREGIÕES IBERICAS REIVINDICAM ESTATUTO TRABALHADOR TRANSFRONTEIRIÇO (1:52)

21:32:42 MAIS DE 8100 COLOCADOS NA SEGUNDA FASE ENSINO SUPERIOR (1:51)

21:34:35 COMBUSTIVEIS VOLTAM A SUBIR ESTA SEGUNDA-FEIRA (2:04)

21:44:16 PRESIDENTE COM.EUROPEIA ANUNCIA PLANO PARA ENFRENTAR CRISE MIGRATÓRIA (2:08)

22:07:55 MIRANDES EM RISCO DE DESPARECER (10:17)

22:18:26 RESUMO VOLEI TORNEIO LAMEGO (1:48)

22:20:14 GIL VICENTE X ESTORIL (1:13)

22:21:28 VITORIA X PORTIMONENSE (1:23)

22:24:13 VALONGUENSE TEM NOVO RELVADO SINTETICO (2:16)

TOTAL: 9 PEÇAS

NACIONAL: 2 PEÇAS

REGIONAL: NORTE (1), MIRANDA DO DOURO (1), LAMEGO (1), VALONGO (1)

DESPORTO: 2 PEÇAS

INTERNACIONAL: 1 PEÇA

18/09/2023

21:31:10 II ENCONTRO AECT EBERICAS 2023 (2:22)

21:34:10 PROSSEGUE JULGAMENTO LAR DO COMERCIO (2:34)

21:37:16 ARTIGO OPINIÃO RUI MOREIRA SOBRE ESTATUA CAMILO (2:45)

21:41:30 ARRANQUE ANO LETIVO (3:09)

21:44:40 FAP GERE RESIDENCIA DO PORTO (2:47)

21:48:05 AUMENTO PREÇO COMBUSTIVEIS (2:55)

21:52:58 DIA INTERNACIONAL IGUALDADE SALARIAL (2:56)

21:55:55 LIBIA REGRESSA À NORMALIDADE (2:25)

21:58:20 MARROCOS REGRESSA À NORMALIDADE DEPOIS DO SISMO (1:53)

22:24:23 ANTEVISAO SHAKTHAR DONETSK X FC PORTO (3:55)

22:28:19 MUSEU E ESTADIO DO FCP DISTINGUIDOS (3:24)

22:38:55 EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA "O AMOR TAMBEM CURA" (2:58)

TOTAL: 12 PEÇAS

NACIONAL: 2 PEÇAS

REGIONAL: NORTE (1 PEÇA), PORTO (4 PEÇAS)

FC PORTO: 2 PEÇAS

INTERNACIONAL: 3 PEÇAS

20/09/2023

21:30:53 ANMP ASSUME NÃO HAVER CONDIÇÕES PARA REGIONALIZAÇÃO (2:34)

21:34:28 BARCELOS AVANÇA COM ACORDO DA ÁGUA EM JANEIRO (2:48)

21:37:17 GREVE MEDICOS ARS NORTE 20 E 21 DE SETEMBRO (3:19)

21:41:34 POPULAÇÃO EMPREGADA COM ENSINO SUPERIOR BAIXA QUASE 10% NO NORTE (1:46)

21:44:13 SESSÃO PLENÁRIA SOBRE REDUÇÃO DE IMPOSTOS (3:24)

22:01:27 PLANO NACIONAL DE SEGURANÇA RODOVIARIA ENTREGUE NA AR (2:16)

22:03:44 O GOVERNO DEVE TRAVAR O AUMENTO DOS COMBUSTÍVEIS (2:51)

22:07:47 SEGUNDA CONDENAÇÃO AUTARCA VILA VERDE (2:05)

22:32:40 SESSÃO DE BOAS VINDAS AOS NOVOS ESTUDANTES DA UTAD (1:44)

22:34:25 MUNICIPIO PORTO ASSINALA 6 ANOS DO PORTO TRADIÇÃO (2:57)

22:37:55 SC BRAGA X NAPOLI (1:32)

22:39:27 RESUMO ANDEBOL CELJE X FC PORTO (1:45)

22:41:13 APRESENTAÇÃO SEMANA EUROPEIA DO DESPORTO (1:39)

22:47:24 INAUGURAÇÃO CINETEATRO DE AMARANTE (2:32)

22:49:57 PEDALADAS SOLIDARIAS DE LOUSADA A PARIS (2:11)

TOTAL: 15 PEÇAS

NACIONAL: 5 PEÇAS (ABERTURA É REGIONALIZAÇÃO)

REGIONAL: NORTE (1), BARCELOS (1), VILA REAL (1), VILA VERDE (1) PORTO (1), LOUSADA (1), AMARANTE (1)

DESPORTO: 2 PEÇAS

FC PORTO: 1 PEÇA

21/09/2023

21:31:13 REPORTAGEM ESPECIAL FAMILIA COM ELEVADA PRESTAÇÃO DA CASA (9:06)

21:40:09 CONSELHO DE MINISTROS MEMBROS DO GOVERNO (3:21)

21:45:20 MAIS HABITAÇÃO PARLAMENTO (3:57)

21:49:17 INUNDAÇÕES NAS FONTAINHAS (2:20)

21:51:38 ENCERRAMENTO STOP ADIADO (1:10)

22:20:17 EDUARDO VITOR SOBRE REGIONALIZAÇÃO (2:07)

22:41:58 CONFERENCIA D AMERICO AGUIAR SOBRE NOMEAÇÃO PARA BISPO DE SETUBAL (3:33)

22:45:32 GREVE MEDICA ARS HOSP STO ANTONIO (2:56)

22:49:11 STURM GRAZ X SPORTING (1:33)

22:50:44 GALENO MELHOR 11 DA SEMANA ((2:04)

TOTAL: 10 PEÇAS

NACIONAL: 4 PEÇAS

REGIONAL: PORTO (3 PEÇAS), GAIA (1)

DESPORTO: 1 PEÇA

FC PORTO : 1 PEÇA

22/09/2023

21:30:53 QUEM SUBSTITUI EDUARDO VITOR EM GAIA (2:16)

21:46:00 MORADORES CONTRA COMPLEXO DESPORTIVO EM BRAGA (3:10)

21:50:27 GOVERNO SOBRE REVISAO PRR APROVADA (2:53)

21:55:22 MEDINA SOBRE CONTAS PUBLICAS (2:25)

21:58:36 PROPRIETARIOS E INQUILINOS SOBRE RENDAS (2:48)

22:02:23 MANIFESTAÇÃO ESCOLA PÚBLICA LISBOA (2:09)

22:04:33 FALTA DE VACINAS COVID E GRIPE FARMACIAS (2:00)

22:06:33 PEÇA CI SERGIO CONCEIÇÃO FC PORTO X GIL VICENTE (3:38)

22:11:26 GALENO MELHOR JOGADOR SEMANA LIGA DOS CAMPEOES (1:54)

22:13:20 FD FEIRA DO MOBILIARIO EM MATOSINHOS (6:09)

22:41:00 AJUDA AS CRIANÇAS DEPOIS DO TERRAMOTO MARROCOS (1:35)

22:44:22 PEÇA REVISTA DRAGONES (3:17)

22:47:40 ANTEVISAO ANDEBOL FC PORTO X V.GUIMARAES (1:48)

22:49:28 FC PORTO DOA AMBULANCIA AO HOSP S JOAO (2:10)

TOTAL: 14 PEÇAS

NACIONAL: 4 PEÇAS

REGIONAL: GAIA (1), BRAGA (1) MATOSINHOS (1), LISBOA (1)

FC PORTO: 5 PEÇAS

INTERNACIONAL: 1

24/09/2023

21:35:29 POLÉMICA TRANSLADAÇÃO EÇA DE QUEIROZ (2:58)

21:38:27 UNESCO APROVA AMPLIAÇÃO DA ZONA CLASSIFICADA COMO PATRIMONIO MUNDIAL EM GUIMARAES (3:47)

21:42:15 PAÇOS DE FERREIRA OFERECE REFEIÇÕES ALUNOS (2:24)

21:44:39 ESCOLA DE LOUROSA OFERECE TELEMÓVEIS (2:08)

22:03:15 RESUMO PORTIMONENSE X BENFICA (1:09)

22:05:29 FC PORTO VINTAGE DE REGRESSO À COMPETIÇÃO (3:27)

22:08:56 PEÇA FUNERAL AMERICO (3:01)

TOTAL: 7 PEÇAS

REGIONAL: BAIÃO (1), GUIMARÃES (1), PAÇOS DE FERREIRA (1), FEIRA (1)

DESporto: 1 PEÇA

FC PORTO: 2 PEÇAS

25/09/2023

21:30:59 CM PORTO E GOVERNO FECHAM DISCOTECA ESKADA (2:58)

21:36:53 NOVAS CARRUAGENS DA METRO DO PORTO COMEÇAM A CIRCULAR EM BREVE (3:10)

21:40:03 GALAMBA SOBRE FERROVIA (2:29)

21:42:32 MUDANÇAS REFINARIA (2:09)

21:44:42 TRABALHADORES REFINARIA DE MATOSINHOS SOBRE SINES (2:34)

21:47:52 RESULTADOS ELEIÇÕES NA MADEIRA (1:34)

22:05:48 LEITURA DO ACORDAO DO PROCESSO DO PRES DA ASSOCIAÇÃO DE VILA NOVA DA RAINHA (1.45)

22:08:55 TURISMO NO PORTO CRESCE 30% ESTE ANO (2:39)

22:12:27 MORATORIAS DE JUROS RESOLVEM PROBLEMAS DAS FAMILIAS (2:56)

22:41:35 RESUMO SPORTING X RIO AVE (1.18)

22:42:50 PEÇA DOMINGOS DRAGÕES DE OURO (3:18)

22:46:12 PEÇA MODALIDADES CONVIVIO INICIO TEMPORADA (2:56)

22:49:11 RENASCER BARCO VALBOEIRO EM GONDOMAR (2:36)

TOTAL: 13 PEÇAS

NACIONAL: 3 PEÇAS

REGIONAL. PORTO (3), MATOSINHOS (2), GONDOMAR (1), MADEIRA (1)

DESporto: 1 PEÇA + FC PORTO: 2 PEÇAS

26/09/2023

21:31:11 PEÇA JUSTICA ESCUTAS VORTEX (4:45)

21:35:56 PEÇA JUSTICA MIGUEL REIS VORTEX (3:33)

21:40:12 AUDICAO STOP NO PARLAMENTO (2:57)

21:43:09 RUI MOREIRA SOBRE TRANSITO NA VCI (3:18)

21:47:35 MANUEL PIZARRO SOBRE ESTATUTOS SNS E FECHO URGENCIA (2:16)

21:49:51 1 ANO BANCO LEITE HUMANO NORTE (1:53)
21:53:07 LEITURA DO ACORDÃO DO PROCESSO CASHBALL (1:28)
21:55:19 MINISTRO DO AMBIENTE ATACADO COM TINTA VERDE E REAÇÕES (2:14)
21:57:33 ELEIÇÕES MADEIRA COLIGAÇÃO PSD/PAN (1:15)
22:02:03 GOVERNO DESCE IMPOSTOS COMBUSTIVEIS (1:50)
22:05:22 UNIVERSIDADE DE VIGO PREÇOS DO ALOJAMENTO (2:34)
22:07:56 COMO SE PODE REDUZIR A SINISTRALIDADE EM PORTUGAL (2:34)
22:33:10 PEDIDOS DE AJUDA LUSO VENEZUELANOS (2:01)
22:35:11 DEBATE INVESTIDURA FEIJOO (2:02)
22:38:35 ROSETAS DIAMANTE (3:33)
22:42:08 PEÇA CARLOS RESENDE – DRAGÕES DE OURO (3:15)
22:45:23 GALA DRAGÕES DE OURO NO COLISEU (1:51)
TOTAL: 17 PEÇAS
NACIONAL: 5 PEÇAS
REGIONAL: ESPINHO (2), PORTO (2), NORTE (1), MADEIRA (1)
INTERNACIONAL: 3 PEÇAS
FCPORTO: 3 PEÇAS

27/09/2023

21:31:22 REAX TRANSITO NA VCI (2:26)
21:35:46 ENCERRAMENTO ESKADA ORDEM DO DIA (3:06)
21:40:30 CENTRO DE SAÚDE EM GAIA SEM MEDICO DE FAMILIA (2:59)
21:43:29 MEDICOS ESCUSA HORAS EXTRA BRAGANÇA E GUARDA (2:52)
21:51:13 ATRASOS COMBOIO ELETRICO REGUA (2:17)
21:54:01 CI PARA MANIFESTAÇÃO PELO DIREITO HABITAÇÃO (2:26)
22:06:09 SORTEIO TAÇA DE PORTUGAL FC PORTO E OUTROS CLUBES (1:06)
22:07:16 HOMENAGEM A JOAO PINTO (2:18)
22:09:35 ANTEVISAO ANDEBOL FC PORTO (2:26)
22:40:26 FEIRA INOVAÇÃO UNIVERSIDADE DO MINHO (2:18)
22:42:45 MUNICIPIO DISTRIBUI MANIFESTO BOAS PRATICAS PARA TURISTAS (2:01)
22:44:46 FEIJOO PERDE PRIMEIRA VOTAÇÃO PARA SER INVESTIDO PRESIDENTE DO GOVERNO ESPANHOL (1:52)
22:47:42 OS BASTIDORES DA GALA DRAGÕES DE OURO (3:30)
22:51:12 RUI BARROS DRAGÕES DE OURO (2:37)
TOTAL: 14 PEÇAS

NACIONAL: 1 PEÇA

REGIONAL: PORTO (3), GAIA (1), BRAGA (1), REGUA (1), BRAGANÇA E GUARDA (1)

INTERNACIONAL: 1

FC PORTO: 5 PEÇAS